

MÃE HILSA MUKALÊ
histórias contadas a Marcio Goldman



DOLADO DO TEMPO

O TERREIRO DE MATAMBA TOMBENCI NETO
(ILHÉUS, BAHIA)

DO LADO DO TEMPO

Mãe Hilsa Mukalê
(histórias contadas a Marcio Goldman)

DO LADO DO TEMPO

O Terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilhéus, Bahia)



© 2010 Hilsa Rodrigues Pereira dos Santos

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

Cristina Parga

Larissa Salomé

Capa

Sofia Vaz

Foto da capa

Vincenzo e Gleide Cambria

Revisão

Ana Claudia Cruz da Silva

Restauração do material fotográfico (propriedade do acervo do terreiro)

Simone Rodrigues

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M921d

Mukalê, Hilsa, 1934-

Do lado do tempo: o Terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilhéus, Bahia) / Mãe Hilsa Mukalê ; (histórias contadas a Marcio Goldman). - Rio de Janeiro : 7Letras, 2011.

110p. : il.

ISBN 978-85-7577-760-2

1. Mukalê, Hilsa, 1934-. 2. Mães-de-santo - Brasil - Biografia. 3. Candomble - Bahia. 4. Cultos afro-brasileiros. I. Rodrigues Pereira dos Santos, Hilsa. II. Título.

11-0648.

CDD: 920.92996

CDU: 929:259.42

2010

Viveiros de Castro Editora Ltda.

R. Goethe, 54 | Botafogo

Rio de Janeiro RJ | CEP 22281-020

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

NOTA INTRODUTÓRIA	7
ABERTURA	11
A ALDEIA DE ANGORÔ	15
A história de Yiatidu	15
A passagem de Yiatidu	18
O TERREIRO DE ROXO MUCUMBO	19
Tata Gombé	19
História de Dilazenze Malungo	21
História do terreiro de Roxo Mucumbo	24
Histórias do caboclo Ouro Preto	26
História de um naufrágio	30
História de Cajiberu	32
O TERREIRO NOSSA SENHORA SANT'ANA FÉ E RAZÃO	35
A passagem de Tata Gombé	35
História de Dona Massu	37
Histórias de antigos candomblés	43
História de Mãe Roxa	48
História de Seu Valentim	54
A passagem de Mãe Roxa	57
Histórias de <i>Sirrum</i>	60
O TERREIRO DE MATAMBA TOMBENCI NETO	65
Histórias de infância e de juventude	65
História da feitura	67

História de Mukalê	70
História do anúncio	76
História da sucessão	81
Histórias da Cabocla Jupira e da Mão de Búzios	86
Histórias dos primeiros barcos	91
Futuro	95
ENCERRAMENTO	99

Nota introdutória

Marcio Goldman

Este livro foi redigido entre abril e maio de 2010, quando procurei passar para o registro escrito uma narrativa que se achava desdobrada ao longo de dezenas de conversas que tive com Dona Hilsa Rodrigues entre os anos de 1996 e 2009. Em alguns trechos, lancei mão de entrevistas conduzidas por Ana Claudia Cruz da Silva (que também colaborou na revisão do texto final do livro) e de um ou outro fragmento daquelas que fazem parte do acervo do Memorial do Terreiro. Além disso, recorri à memória, tentando reconstituir incontáveis conversas não gravadas – várias delas anteriores em muitos anos ao período das entrevistas.

Pois tudo começou há quase 30 anos, quando eu procurava um terreiro de candomblé onde pudesse realizar uma pesquisa de campo para a elaboração de minha Dissertação de Mestrado. Num desses golpes de sorte capazes de transformar a vida de alguém, o saudoso Mário Gusmão – o grande ator, bailarino e animador cultural negro que, nessa época, vivia em Ilhéus – me levou, na companhia de Tânia Stolze Lima, ao Terreiro de Matamba Tombenci Neto para nosso primeiro encontro com Dona Hilsa.

Até hoje as lembranças dessa tarde de sábado ou domingo de janeiro de 1983 me parecem estranhamente nítidas. Acompanhada de seu pai, Valentim Afonso Pereira (que faleceu em 1992), uma mulher belíssima, que aparentava muito menos que seus quase 50 anos e 14 filhos, nos convidou a sentar no pátio localizado na frente de sua residência, que fica contígua ao barracão do Tombenci. Lá, com uma força quase tangível, passou a nos contar a história de seu terreiro, que é também a história de sua família e de sua vida. História que tem, hoje, mais de cem anos, o que é muito difícil de se encontrar fora dos grandes centros da tradição afro-brasileira. E mesmo aí não são muitas as casas que conseguiram manter as memórias e os documentos que dão testemunho dessa resistência secular.

Em 1996, quando retomei minhas pesquisas em Ilhéus, no sul da Bahia, prometi ajudar a escrever um livro contando essa história. Só agora pude cumprir tal promessa, após quase dois meses, alternando a redação do texto, sua leitura junto a Dona Hilsa e as correções, alterações e acréscimos por ela realizados. Ao mesmo tempo, fomos escolhendo as imagens e fotografias que deveriam acompanhar o texto – algumas datando do início do século xx – a partir do enorme acervo do Memorial do Terreiro, que já havia sido parcialmente restaurado num excelente trabalho realizado por Simone Rodrigues.

O fato de termos nos emocionado tanto ao longo do processo de redação do livro me faz crer que nele esteja presente, de alguma forma, essa força de que falei – força que todos aqueles que já encontraram Dona Hilsa conhecem muito bem. De minha parte, espero apenas ter sido capaz de evitar que o registro escrito subtraia aos leitores a força e as emoções que só a palavra e a presença de Dona Hilsa Rodrigues realmente possuem e transmitem.



Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), por volta de 1980.

Abertura

Meu nome civil é Hilsa Rodrigues Pereira dos Santos. Nasci no dia 13 de março de 1934, aqui em Ilhéus. Minha *dijina*, meu nome de santo, é Mukalê. Eu me iniciei no candomblé em 1946, com 12 anos de idade, aqui mesmo em Ilhéus. Minhas raízes estão ligadas a Maria Neném, de nome civil Maria Jenoveva do Bonfim, cuja *dijina* era Tuenda de Zambiapongo, filha de Cavungo (ou Omolu, como eles chamam na nação ketu), do Terreiro Tombenci, em Salvador. Ela era mãe de santo de Dona Massu, cuja *dijina* era Quizunguirá, filha de Zaze (Xangô), que foi minha mãe de santo e também foi mãe de santo de Izabel Rodrigues Pereira – Mãe Roxa, cuja *dijina* era Bandanelunga, filha de Zumbarandanda (Nãã) –, de quem sou filha de sangue.

Fui iniciada na nação Angola, que conserva muitos valores africanos, e meu *inquice* (ou *orixá*, como se diz na nação ketu) é Matamba (Iansã). Eu já nasci dentro do candomblé, porque minha mãe de sangue foi minha antecessora neste terreiro e eu sempre tive a tendência para as coisas do terreiro. Desde criança eu já acompanhava minha mãe nas obrigações. Em tudo o que ela fazia, eu estava perto dela. Nas festas, eu queria dançar, me trajar com vestes do ritual.

Hoje sou uma *nêngua de inquice*, uma mãe de santo ou, como se diz na nação ketu, uma *ialorixá*. Mas esta casa tem muita história. O nome do nosso terreiro, Terreiro de Matamba Tombenci Neto, vem da descendência do Tombenci de Salvador. O primeiro Tombenci foi o de Maria Neném, nossa avó de santo. Depois, o de Dona Massu, nossa mãe de santo. Por isso o nosso é “neto”. Hoje existem muitos Tombenci Bisnetos e Tombenci Tataranetos espalhados pelo Brasil. Ninguém sabe quando foi fundado o primeiro Tombenci em Salvador, mas o certo é que faz muito tempo, porque se sabe que Maria Neném foi a primeira negra a ter um terreiro da nação Angola em Salvador.



Terreiro Matamba Tombenci Neto hoje.

Mas as origens do nosso Tombenci ultrapassam as ligações com Maria Neném. Na verdade, minha família materna, a família Rodrigues, iniciou suas atividades na religião do candomblé muito antes de conhecermos o Tombenci de Salvador. Antes disso, a nossa família já cultuava os *iniquices*, já seguia esse caminho herdado da minha avó de sangue. Por isso, nós consideramos que o nosso terreiro foi fundado por ela, em 1885. A gente herdou.

Essa casa tem muita história e eu vou contar uma parte dela. No terreno em que vivemos hoje, estamos desde 1940, mais ou menos. Antes disso, nós morávamos no Largo da Conquista. Foi minha mãe quem adquiriu este terreno, uma chácara enorme que ela quis comprar do Dr. Horácio Farias, mas acabou ganhando dele. Eles ficaram muito amigos. Quase todos os sábados à tarde, o Dr. Horácio mandava buscá-la para ir conversar com ele e os amigos que se encontravam em sua casa, que era aqui perto. Todos faziam parte da sociedade de Ilhéus e todos queriam e gostavam muito de conversar com ela.

Hoje já está tudo muito modificado. Mas nossa história tem início muito mais cedo, desde o tempo em que minha avó trabalhava no Catongo.



Assentamento de Angorô.

A aldeia de Angorô

A história de Yiatidu

Uns chamavam terreiro, outros chamavam aldeia, mas ela sempre chamava de aldeia. O início de tudo foi, primeiro, com a minha avó, mãe da minha mãe. Ela se chamava Tiodolina Félix Rodrigues. Quando o marido dela faleceu, ela veio de Castro Alves para cá. Foi quando ela chegou aqui que começou a trabalhar, a desenvolver. Minha mãe contava que a mãe da minha avó tinha um pouco da mistura de negro com índio. Foi quando minha avó chegou aqui que ela veio a ter essa casa. Eu não sou muito boa para essas coisas de data, inclusive porque é uma coisa muito fechada. Se existe ainda alguém dessa época, é uma coisa muito difícil. Mas tudo está anotado por aí.

Foi meu tio Euzébio, Euzébio Félix Rodrigues, o irmão mais velho da minha mãe, quem descobriu esse lugar, o Catongo, que ficava em uma roça aqui perto de Ilhéus. Meu tio levou minha avó até esse lugar e lá ela abriu uma aldeia, como ela chamava. Ela chamou esse terreiro de Aldeia de Angorô, porque Angorô (ou Oxumarê, como eles chamam na nação ketu) era o *inquice* dela. Isso foi em 1885, data da fundação do nosso terreiro. Minha avó ficou por lá, enquanto meu tio veio para a cidade. Ele era uma pessoa muito movimentada, achou logo o caminho dele e foi embora para Salvador. De lá ele vinha de vez em quando a Ilhéus, até que fez seu próprio terreiro. Mas essa história é depois.

Minha avó tinha ficado lá no Catongo e, como ela era de Angorô, essa aldeia era um lugar com muito mato, praticamente uma mata. Nessa época, havia os senhores de engenho, que tinham seus escravos, e quando eles saíam com o capitão do mato para fazer as coisas eram muito chicoteados. Alguns desviavam e se deparavam com a casa da minha avó. Lá ela procurava dar uma guarida para esses escravos. Era uma casa de taipa, que tinha uma camarinha onde ela cuidava do santo. Então esses escravos ficavam por lá. Ela dava comida e, para os que precisavam de ajuda espiritual, dava os banhos, sacudimentos, assistência espiritual. Quando o capitão do mato dava pela falta dos escravos, acabava chicoteando os outros para que dissessem onde eles estavam. Eles, então, diziam que estavam

numa casa que chamavam de Aldeia de Angorô, que era de uma senhora chamada Yiatidu – essa era a *dijina* da minha avó, o nome de santo dela. Aí os patrões iam até lá para conversar com ela e tentar tirar os escravos de lá. Mas ela dizia que se era para tirá-los de lá para judiar deles, ela não deixaria não. Como eles insistiam, ela começava a explicar que eles eram seres humanos e que para trabalhar não era preciso apanhar, só precisava dar uma orientação que eles fariam o serviço. E que não era necessário deixá-los com fome. Com isso, ela conseguia convencer alguns senhores, que acabavam fazendo amizade com ela. Com essa amizade, em alguns casos ela conseguia que os escravos tivessem um tratamento melhor.

Mas alguns não queriam voltar por ter conhecimento com ela e ficavam por lá. Para eles, ela falava sobre o candomblé quando ela saía com as pessoas para o mato para catar as folhas, as ervas, fazer as garrafadas, os banhos, as oferendas para Inkôssi (Ogum), Catendê (Ossanha), Gongombira (Oxóssi)... Nessas caminhadas, eles encontravam pessoas perdidas e ficavam com algumas delas, pois os donos acabavam deixando que ficassem com ela por ali. Isso já era um ponto de partida para essas pessoas, pois iam trabalhar mas voltavam, ficavam na camarinha, cumpriam rituais e coisas assim. Então, ela ficou lá por muito tempo cuidando de tudo isso. Minha mãe dizia que ela gostava muito e que era uma coisa muito natural; que ela vivia praticamente no meio da mata, convivendo muito com a parte dos caboclos. Tinha também a Caipora. E tinha uma árvore onde ela colocava o fumo com o mel para que o pessoal não se perdesse quando saísse para arriar obrigações ou para ir a uma cachoeira levar uma pessoa para um banho. Porque a Caipora os enganava e eles se perdiam no mato. Para isso, ela fazia obrigações dentro da mata, usando o fumo para a Caipora não incomodar mais.

Minha avó era casada com Teodoro Félix Rodrigues. Eles tiveram cinco filhos: Euzébio, Izabel, Vitória, Alice e Esmeraldo. Vitória nunca fez obrigação no candomblé. Minha mãe, Izabel, era de Zumbarandanda e a *dijina* dela era Bandanelunga; Alice foi iniciada com minha mãe, era de Matamba e a *dijina* dela era Deloiace; Esmeraldo era *ogã*, de Cavungo (Omolu), e a *dijina* dele era Delepâmbi. Ele trabalhava no cais e também no negócio de atabaques. Ele fazia atabaques e aqui ainda tem alguns que ele fez. Euzébio era de Roxo Mucumbo (que na nação ketu também é Ogum) e a *dijina* dele era Gombé.

Quando meu tio Euzébio vinha de Salvador, ele ia ver minha avó no Catongo; ou ia para Canavieiras, onde tinha clientes e filhos de santo; ou vinha para cá, na Ladeira do Jacaré, onde fazia as coisas dele. Então, esse tempo foi a parte da minha avó. Até que Deus a chamou e chegou a passagem dela. Meu tio desfez as coisas no Catongo e aí vem a história dele. Ele já era uma pessoa quase iniciada e tinha uma visão das coisas deixadas pela minha avó. Por isso fez outro caramanchão, logo ali, na Ladeira do Jacaré. E ficou no lugar dela.



Assentamento de Vumbi (ao fundo, a cabana da Cabocla Jupira).

A passagem de Yiatidu

Quando minha avó veio a falecer, foi aqui na Conquista. Minha mãe contava que o falecimento dela foi assim. Isso eu me lembro. Eu era bem novinha, mas me lembro porque sempre que via alguém falecer, eu lembrava daquela imagem do dia em que ela faleceu. Era de manhã cedinho e ela chamou os filhos. Disse que ia fazer uma viagem e que dessa viagem ela não voltaria mais. Disse que ia ser naquele dia. Disse que queria comer um escaldado de bacalhau; mandou comprar o bacalhau, fez o escaldado, tomou banho e comeu esse escaldado de bacalhau. Aí ela ficou toda de branco, forrou a cama toda de branco, defumou o quarto e disse aos filhos que estava indo embora naquele dia. Ela marcou a hora, não sei se eram quatro da tarde. Aí ela acabou de comer, descansou, bebeu água; depois, ela deitou na cama toda forrada de branco e realmente ela foi embora assim, não teve problema. Ela deitou para dormir, disse que ia dormir e não ia acordar mais, e não acordou. Lembro que minha mãe pôs uma esteira na porta e as crianças ficaram todas sentadas naquela esteira. Aí chegaram os vizinhos, botaram os bancos, ficou todo mundo sentado ali.

Quando ela morreu, eu era bem pequenininha, mas lembro que achava que ela parecia muito com a minha mãe. Era mais alta um pouquinho, magrinha, e gostava muito daquelas sainhas que minha mãe também vestia, gostava das batinhas e do xalezinho. Olhando assim, parece que estou vendo ela...

O terreiro de Roxo Mucumbo

Tata Gombé

Meu tio Euzébio, então, era de Roxo Mucumbo, e a *dijina*, o nome de santo dele, era Gombé. Ele era aquela postura, aqueles olhos, um negro que saía de terno, impecavelmente. O sapato era impecável. Como eu já contei, ele era uma pessoa muito movimentada e foi logo morar em Salvador. Nesse período, meu tio cuidava das pessoas que vinham de fora e também viajava muito. Ele tinha clientes em Alexandria, Ferradas, Pirangi, Palestina, Santa Luzia... Esses lugares, hoje, viraram cidades e têm outros nomes: Pirangi é Itajuípe, Palestina é Ibicarai. Ele também morou uma temporada em Pirangi. Ele ia para onde tinha clientes. Fazia as coisas que tinha que fazer e voltava. Mas, na passagem da minha avó e com a herança dela, ele desfez as coisas dela e procurou arrumar a parte dele aqui. Foi então que ele fez um caramanchão na Ladeira do Jacaré, já aqui em Ilhéus, nos Carilos, no bairro da Conquista.

Antes disso, lá em Salvador, ele foi dono de um hotel. Foi nesse hotel que ele conheceu o Sr. Hipólito Reis. Conversa para lá, conversa para cá, meu tio descobriu que o moço era *babalaô* numa cidade da África. Ele zelava os *inquices* nas árvores, não tinha um quarto de santo, como temos, era mais nas árvores que fazia os preceitos. As pessoas iam para lá se purificar nas árvores onde ele cultivava os *inquices*. Claro que ele tinha o lugar onde fazia os rituais de toque e de tudo. Foi Hipólito Reis quem fez as primeiras obrigações do meu tio – e também da minha mãe, porque ele deu um *bori* de saúde na cabeça dela. Ele era de Zaze e a *dijina* dele era Dilazenze Malungo.

História de Dilazenze Malungo

Quando chegou o dia em que este senhor faleceu, ficou a *dijina* dele, o nome dele, aquele peso naquele nome, que era um nome de muito respeito. Então, muitos anos mais tarde, quando os jovens do terreiro resolveram fundar um bloco afro,

eu escolhi esse nome para dar ao bloco: Bloco Afro Dilazenze. Achei que era um nome de peso e que era uma maneira de homenagear esse *vumbi*, esse antepassado (que na nação ketu eles chamam de *egum*). Primeiro, eu fiz uma lista de nomes, e no meio desses nomes eu coloquei Dilazenze Malungo. Até aí eles não sabiam da história, que esse senhor tinha feito as primeiras obrigações para o meu tio e para a minha mãe. Eu pensei, então, em colocar o nome no meio da lista para ver se eles realmente iam bater com esse nome de tanto peso. Coloquei vários nomes, dei a lista a eles e disse: escolham aí o nome que vocês querem. Eles olharam, olharam, e todo mundo disse que tinha gostado daquele nome. Foi por unanimidade, todo mundo gostou daquele nome: Dilazenze Malungo. Todos eram lindos, mas todos quiseram aquele nome. Eles então perguntaram o que queria dizer Dilazenze Malungo. Eu expliquei, contei para eles a história que acabei de contar, disse que hoje ele já não mais existia, que passara a ser um *vumbi*, um antepassado. Mas avisei que não era uma coisa tão simples como eles talvez estivessem pensando. Que para a gente realmente batizar o bloco com esse nome, eu teria que ir consultar os búzios, consultar os *inquices* primeiro, e depois, conforme o que eles dissessem, eu teria que consultar os antepassados para ver se eles dariam consentimento e o que eu poderia fazer. Expliquei que para colocar o nome de uma entidade, teríamos que fazer uma determinada obrigação, pedindo licença para ver se poderíamos fazer o que queríamos. Eu fui, então, no jogo de búzios, fui olhar se realmente poderia.

Primeiro, logicamente, perguntei ao santo do meu tio, Roxo Mucumbo; depois ao caboclo dele, Ouro Preto; depois a Seu André, o caboclo da minha mãe. Aí eles falaram que poderia sim, mas que, antes, eu teria que virar o jogo e conversar diretamente com os antepassados para eles darem seu consentimento também. E, no fim, que eu teria que voltar a pedir o veredito de Lembá (Oxalá). Foi o que eu fiz. Joguei para *vumbi*, joguei para o *vumbi* da minha mãe, joguei para o *vumbi* do meu tio e para o *vumbi* de Dilazenze Malungo. Eles responderem e disseram que eu poderia sim, desde que eu fizesse um ritual, porque se tratava de um *vumbi* e a gente ia mexer com alguma coisa que tinha a ver com a África. Eles disseram o que eu deveria fazer: uma obrigação para *vumbi*. Eu fiz essa obrigação, com todas as oferendas pertencentes a *vumbi*, e com o pessoal todo presente. Fizemos uma obrigação muito grande. Primeiro, uma oferenda para *vumbi* e, depois, por se tratar de uma pessoa de Zaze, que é o pai da nossa casa, também um ritual acompanhando o fundamento do terreiro, a fim de batizar o bloco e, conseqüentemente, as pessoas que iriam compor a diretoria.



Euzébio Rodrigues (Tata Gombé), provavelmente na década de 1920.

Fiz, então, essas coisas todas e, a partir do momento que a gente se prontificou a assumir essa responsabilidade, todo ano temos que fazer isso. Temos que arriar uma oferenda para *vumbi* e fazer um *amalá* para Zaze. E depois do carnaval, ganhe ou perca, a gente tem que fazer esse *amalá* e distribuir para as pessoas do bloco todo, ou pelo menos para a ala de frente e a diretoria. Aí fizemos o fundamento da obrigação para Lembá, e também a obrigação para os *vumbi*. Fizemos a matança para os *vumbi* e as oferendas para eles. Depois veio o fundamento aqui junto ao fundamento da casa. Eu senti uma coisa viva, natural, que emocionou tanto os visitantes quanto o pessoal do bloco.

Expliquei então para todo mundo que o nome Dilazenze Malungo significa força para *muzenza*, força para *iaô*. *Muzenza*, ou *iaô*, como eles dizem na nação ketu, é aquela pessoa que está se iniciando dentro do candomblé; é o iniciante no candomblé, é quem está começando. Aí eles tomaram ciência da história de Dilazenze Malungo.

Depois, eu fiz uma música para o bloco, baseada na história que minha mãe tinha contado:

Numa cidade da África
Numa cidade da África
Tinha um babalaô
Dilazenze Malungo
Força para iaô
Dilazenze Malungo
Força para iaô
Um dia Zâmbi chamou
Um dia Zâmbi chamou
E em Egum transformou
Dilazenze Malungo
Força para iaô
Dilazenze Malungo
Força para iaô
Ê muzenza, iaô
Ê muzenza, iaô

Zâmbi é o nosso Deus supremo. É como Olorum na nação ketu e como todos os nomes de Deus em todas as partes. Porque há muitos nomes, mas Deus é um só e o mesmo. Então, é esse o significado do nome Dilazenze Malungo. É um nome que todo mundo que ouve fica curioso para saber o que é, porque é uma coisa diferente, com aquela sonoridade... Uma coisa que realmente chama muito a atenção, que tem muita força. É como o nosso terreiro, que já teve vários nomes, mas é um só em sua força.



Dilazenze Malungo (Hipólito Reis), provavelmente na década de 1920.

História do terreiro de Roxo Mucumbo



Assentamento de Ogum.

Voltando agora à nossa história. Depois da passagem da minha avó, meu tio assumiu suas responsabilidades, ocupou integralmente o lugar dela e começou a vida dele. Abriu o terreiro e vinha fazer os trabalhos aqui. O terreiro era pequeno, mas ele atendia o pessoal. Minha mãe, que na época era mocinha, já trabalhava com ele e foi aí que ela deu as primeiras obrigações com Hipólito Reis – aquele bori de saúde de que já falei. Algumas pessoas ficavam na casa, como as duas *macotas* (ou *equedes*, como eles chamam na nação ketu): a do *inquice* dele, Roxo Mucumbo, e a do caboclo dele, Ouro Preto. Essa não era bem uma *macota*, pois é difícil um caboclo ter uma *macota* para ele. Geralmente é a *macota* de determinado *inquice* que serve o caboclo da pessoa, mas lá havia essas duas irmãs. Uma, conhecida como Pequena, era rodante e rodava com o caboclo Juremeira; a outra, Donina, era realmente *macota* e cuidava das coisas do meu tio.



Feijoada de Inkôssi: Mameto Mukale (no centro); Preta; Maria Augusta; Ana; Natalice (arrumando a mesa); Raimunda; Dona Roxa (Mameto Bandanelunga); Dona Olga; Monatumbeza; Braulino; Paulo.

Histórias do caboclo Ouro Preto



Licença da polícia para a realização de festa de candomblé (1944).

Meu tio Euzébio era uma pessoa de muita força. Naquela época os terreiros de candomblé eram muito perseguidos pela polícia. Aqui em Ilhéus, tinha um sargento – ou cabo, não sei, nem lembro o nome dele – que costumava invadir os candomblés e quebrar tudo. Ele entrava e quebrava tudo. Para a polícia não escutar, o pessoal tocava nas cabaças e tocava de palma de mão para que não ouvissem a zoadá dos atabaques. Porque se ouvissem, eles entravam, invadiam e quebravam.

Quando meu tio tinha esse terreiro aí em frente na Ladeira do Jacaré, aconteceu uma coisa muito impressionante. Meu tio tinha um caboclo que se chamava Ouro Preto. Esse caboclo não era de falar muito, ele era de “sim, sim”, “não, não”. Um dia, meu tio estava tocando e o caboclo dele mandou colocar os atabaques no barracão. O pessoal ficou com medo, dizendo que se tocassem os atabaques a polícia escutaria e viria.

– Tô mandando botar!, o caboclo ordenou.

Trouxeram os atabaques e o couro comeu. Daqui a pouco a polícia – a patrulha, como eles chamavam na época – chegou, com aquele cabo ou sargento no comando. Chegou invadindo e gritando:

– Para, para tudo!

O caboclo respondeu:

– Não vai parar nada!

– Vai parar sim, porque eu estou mandando!

– E eu estou dizendo que não vai parar!

Aí o cabo ou sargento mandou a patrulha entrar e quebrar tudo. O caboclo disse que podiam fazer o que quisessem, mas que ele não se responsabilizava pelo que ia acontecer. Os soldados entraram e foram metendo o pau em tudo. Mas, quando um foi chutar os atabaques, caiu no chão; depois caiu outro e mais outro. Os outros gritaram que iam embora. O chefe comandava:

– Estou mandando fazer! Levanta, levanta!

Mas ninguém levantava, foram caindo um por um. Cada um que tentava bulir nos atabaques caía. Até que caiu todo mundo e o chefe ficou sozinho:

– Vocês não são homens não? Levanta! – ele gritava. – Então quem vai sou eu!

Aí, com o cassetete, ele mesmo foi tentar rasgar os atabaques. Mas, quando pôs a mão em cima do couro, também caiu no chão. O caboclo do meu tio começou então a cantar e mandou jogarem água no terreiro. Os soldados começaram a tomar *simba*, surra de santo, e a rolar pelo chão que estava sendo molhado. Foram ficando enlameados e, quando todo mundo já estava bem enlameado, meu tio começou a cantar. Ele tirou uma cantiga que é da palmatória:

Olha a palma do coqueiro

A palmatória atrás do trono eu vou buscar

E olha aê e olha lá

A palmatória é de Angola.

E o couro comendo. Aí, depois, cantou outra e outra e outra. Cantou três e mandou parar. Quando os soldados já estavam bem enlameados, o caboclo do meu tio deu um assobio e chamou a cobra dele. Porque ele tinha uma cobra que obedecia a ele. Tem filha de santo dele, as antigas, que sempre contam essa história. Aí a cobra veio, deu a volta no barracão, passou pelos soldados caídos no meio todos melados de lama, todos sujos. A cobra deu voltas em torno deles, saiu e foi embora. Aí o caboclo cantou uma cantiga para os soldados acordarem e foi levantando um por um. O último que ele levantou foi o chefe, dizendo:

– Isso é para você nunca mais entrar no candomblé de ninguém pra fazer o que você faz!.

Aí, o caboclo deu o nome completo dele: Ouro Preto de tal e tal. Deu o nome todo direitinho e disse:

– Agora vocês vão subir essa ladeira sem olhar para trás.

Eles subiram a ladeira. Uns dizem que subiram de costas, mas quando chegaram lá em cima, o caboclo assobiou e eles desceram rolando ladeira abaixo. Eles subiram de novo, o caboclo assobiou outra vez, mandou tocar os atabaques e todo mundo rolou ladeira abaixo outra vez. O caboclo fez eles descerem a ladeira sete vezes e depois disse:

– Agora vocês podem subir.

Nunca mais esse cabo ou sargento foi fazer essas coisas em terreiro nenhum. Nunca mais ele perseguiu os terreiros. Porque ele tinha mania de entrar no quarto de santo e quebrar tudo. Mas depois do que aconteceu na Ladeira do Jacaré, nunca mais ele fez isso. Ele disse que nunca mais ia fazer e que tinha feito antes em vários terreiros porque nunca tinha encontrado nada para provar que essas coisas existiam mesmo, que tivesse força suficiente para impedir que ele continuasse. Mas agora ele tinha visto e não ia fazer mais. E parou por aí. Essas são histórias que os mais velhos contam.

Porque havia perseguição. Mais tarde, tornou-se necessário tirar as licenças. Era preciso pagar uma taxa por cada dia de toque e tirar o papelzinho. Hoje não tem mais isso, hoje isso acabou, não tem mais a licença. Quando minha mãe faleceu, já não tinha mais isso, já não precisava mais tirar o papel. Mas ela sempre gostava de requisitar policiais para evitar briga ou qualquer coisa. Sempre requisitava dois policiais para ficar tomando conta, para não ter problema. A gente tenta fazer isso até hoje para evitar problema com gente que às vezes fica bebendo, fazendo arruaça em toque de candomblé.

De uma outra vez, quando três policiais chegaram para invadir o candomblé dele, Euzébio pegou um charuto, cortou bonitinho em três pedaços e disse:

– Vocês estão zombando daqui! Eu vou lhes mostrar quem sou eu.

Aí, pôs um pedaço do charuto na mão de um dos soldados, pôs a cinza do charuto na mão dele e a cinza virou o rapaz no santo, trouxe o orixá do rapaz. Depois, ele fez a mesma coisa com os outros dois e continuou o candomblé dele.

Casamento
Valentim e Rouxa si
Casaram no dia
21 de Setembro de 1930
Paróquia de Ilheus
Igreja São Jorge
Ilheus 21-9- de 1930

Valentim Afonso Pereira
e D. Isabel Rodrigues Pereira

Anotação de Seu Valentim (Tata Candemburá) em sua caderneta (1930).

Outra história muito interessante do caboclo Ouro Preto aconteceu quando meu pai foi pedir a mão da minha mãe em casamento. Ela era mocinha e meu pai era muito rigoroso, gostava de tudo certinho. Então, ele foi pedir o consentimento do meu tio Euzébio, que era o irmão mais velho da minha mãe. Meu tio disse que quem ia dar ou não o consentimento era Roxo Mucumbo e o caboclo dele, Seu Ouro Preto, que era caboclo muito rigoroso. O caboclo, então, pegou ele e colocou, na cabeceira de uma mesa grande forrada de branco, quatorze pratos brancos; mandou minha mãe ficar de um lado da mesa e meu pai do outro; e mandou eles irem arremessando os pratos um para o outro: se um certo número de pratos quebrasse, o casamento não ia ser bom, não ia ser um casamento que uniria os dois, e por isso não poderia haver casamento; se os pratos não quebrassem, eles poderiam se casar. Meu pai, que era um homem muito equilibrado, filho de Inkôssi, contava que tremia e achava que não ia conseguir, que ia quebrar os pratos, que ia perder a mulher. Mas teve fé e pensou que ia jogar os pratos, minha mãe ia pegar e ele ia ser feliz com ela. O caboclo cantou uma *zuela* e mandou que começassem a atirar os pratos. Pai pegava os pratos, mas já estava nervoso, com as mãos tremendo; mãe também. Mas só um que-

brou. Quando chegou a hora dela jogar para ele pegar, ele pensou que não ia dar certo, mas ela jogou os pratos e, de novo, só um quebrou. Então, o caboclo pôde abençoar o noivado dos dois e deu o consentimento para eles casarem. Eles realmente se casaram no dia 21 de setembro de 1930, na Igreja de São Jorge, aqui em Ilhéus. E foram muito felizes até o dia em que Deus chamou minha mãe.



*Dona Roxa (Mameto Bandanelunga) e Seu Valentim (Tata Candemburá),
na década de 1950.*

História de um naufrágio

Outra história que revela toda a força que Euzébio possuía é a de um navio que vinha de Salvador e que afundou na chegada a Ilhéus. Esse navio era um iate – não era uma embarcação grande – e se chamava Itacaré. Euzébio estava em Salvador e, como sempre, vinha visitar minha mãe aqui em Ilhéus. Ele telegrafou para ela dizendo que estava saindo de Salvador no iate Itacaré para vir fazer uma visita. Então, todo mundo estava sabendo que ele vinha no Itacaré. Nessa época, minha mãe morava ali no Largo da Conquista. Quando amanheceu o dia, aquela revolução na Conquista, porque correu a notícia que o iate Itacaré estava se perdendo, estava afundando. Minha mãe se desesperou porque ela sabia que Euzébio vinha nesse iate. Largou a gente dentro de casa, pediu à vizinha para tomar conta, mas a vizinha também resolveu ir ver. De lá dos Eucaliptos se vê o Pontal todo. Todo mundo correu para lá. Eu lembro perfeitamente. Eu era

menina, mas lembro até que minha mãe, quando saiu, deixou uma panela de feijão no fogo e fui eu que tirei essa panela do fogo. Quando deu a hora da gente almoçar, me deu fome e eu fui comer o feijão, que estava sem sal. Todo mundo estava desesperado, minha mãe gritando, chorando... Meus tios, todo mundo. Porque tio Euzébio vinha naquele iate. De lá dos Eucaliptos eles viam o pessoal nadando: a cabeça de alguém aparecia e daqui a pouco afundava. Alguns saíam, outros chegavam... Naquele desespero. Alguns se salvaram, outros não. Então, no meio daquele desespero todo, chegou outro telegrama. Era do meu tio dizendo que quando ele ia viajar, na hora que foi embarcar no navio, ele recebeu uma intuição do santo dele: “Não embarque nesse navio!”. Ele parou e pensou: mas eu já estou com minha passagem, com a minha bagagem, como é que não vou embarcar? Ele decidiu ir, mas quando pôs o pé dentro do navio, ouviu de novo: “Não viaje nesse navio!”. Aí, quando ele se concentrou, viu um homem de pé, um general de pé, com uma espada na mão. Era o Roxo Mucumbo dele, que dizia: “Não vá, porque se você for, você não volta.” Meu tio, então, pegou a bagagem, voltou e passou um telegrama para a minha mãe. E foi no meio daquele desespero que ela recebeu esse telegrama. Quando ela abriu, viu que ele não tinha viajado, que tinha ficado em Salvador. Até outro dia ainda dava para ver o resto desse navio. Foi só depois que fizeram a dragagem que cobriu tudo.

Euzébio também era muito rigoroso e castigava suas filhas desobedientes e as pessoas que faziam o mal. Quando ele morreu, uma de suas filhas destruiu muitos documentos, porque não sabia valorizar e não sabia do que se tratava. Achava que eram simples anotações. Pena que muita coisa se perdeu depois da morte de meu tio.

Meu tio Euzébio foi um exemplo de resistência. Na época em que a polícia perseguia muito os terreiros; em que não se podia tocar os atabaques porque a polícia entrava quebrando tudo e prendia as pessoas; em que os terreiros eram considerados casas de diversão noturna pelos brancos; em que era preciso pagar licença à polícia para celebrar os rituais, Euzébio não deixava de cumprir as obrigações, de cultivar os *iniquices*. Ele foi o responsável pela sobrevivência da herança africana de Yiatidu, das origens e das raízes deste terreiro.

História de Cajiberu



*Primeiro barco de santo iniciado por Dona Roxa (Mameto Bandanelunga, sentada):
Dolores, Matilde, Júlia, Calembé, Almerinda e Alaíde (setembro de 1958).*

Uma das pessoas que fizeram suas primeiras obrigações com meu tio Euzébio foi Júlia. Ela é filha de Cavungo e a *dijina*, que ela recebeu mais tarde quando foi iniciada por minha mãe, é Cajiberu. Ela também tem um caboclo muito bonito, chamado Caipó, um caboclo que dança de um jeito só dele, às vezes em cima de uma perna só. Mas Júlia foi levada para o terreiro quando tinha seis anos de idade e estava muito doente. Diziam que ele ia curá-la, mas ela pensava que não, porque já tinha sido levada em muitos lugares, até em Salvador, mas nunca dava certo. O pai dela a levou até o terreiro na Ladeira do Jacaré e a deixou lá. Ela chorava querendo voltar para casa. Euzébio respondia que lá ela estava em casa, mas ela não aceitava e perguntava pela mãe, que não acreditava muito nessas coisas. Ele respondia que sua mãe tinha ido até em casa e voltava logo; depois, dizia que ela não ia voltar já para casa e que ela estava em casa. Ela foi se acostumando. Uma *macota* se tornou a madrinha dela e ela ficou vendo as coisas, o pessoal fazendo caruru, a alegria. Ficou lá por três meses, de cama. Euzébio fazia muitos trabalhos para ela e finalmente, graças a Deus, ela ficou boa e voltou para casa. Ela está hoje com 90 anos de idade e de vez em quando ainda vem aqui caminhando.

Júlia sempre conta que Euzébio trabalhava muito limpo e muito certo, sem pressa, como às vezes se faz hoje em dia. Conta que às seis horas ele chegava na

porta e abria a casa, assobiando e chamando todos os que lá estavam. Parece que uma de suas filhas, Maria, tinha medo dele. Júlia dizia a ela que não era para ter medo de nada, que lá não era para ninguém ter medo de nada. Quando tinha festa, todo mundo se vestia, mas ele sempre deixava uma de roupa comum para ela poder apreciar a festa. Depois, de madrugada, iam todos para a *maianga*, o banho na mata. Como eram muito novos, tinham medo de ir para a mata, mas ele mandava todo mundo ir. Se faltasse alguém, ele sabia e mandava buscar. Tinha uma *macota* que sempre se escondia, mas ele achava e mandava ela ir sozinha para a *maianga* na mata. Aí ela dizia: “Não, paizinho, tomar maianga não.” Ele respondia: “Você vai sozinha pra maianga. Você vai só!”. Ela ia, tomava a *maianga* e voltava, era assim. Todas voltavam com os vestidinhos cheios de espinhos.

Júlia conta que uma vez Euzébio disse a todos que iriam até Canavieiras, que fica a mais de 100 km de Ilhéus, e onde ele tinha vários clientes. Quando todos estavam se preparando, ele disse: “Nós vamos a pé!”. Tinha até uma menina de nove meses que viajou com eles. Quando chegavam em certos lugares, na praia, paravam, almoçavam, descansavam um pouquinho e continuavam. Levaram uma semana viajando. Dormiam no caminho e, quando dava cinco horas da manhã, recomeçavam a viagem. Quando chegaram em determinado ponto onde era preciso atravessar o mar, havia um barco esperando por eles. Na hora de embarcar, uma das viajantes estava com medo e não queria embarcar de jeito nenhum. Aí ela foi pega por Dandalunda, o *inquire* dela, e todos perguntaram a Euzébio o que fazer. Ele disse, então, que não tinha problema, que todos iam embarcar e que a moça ia por conta própria. Todos viajaram no barco, mas a moça mergulhou e acompanhou o barco por dentro d’água. Enquanto todos estavam no barco, ela ia na frente, saía de dentro d’água, balançava o cabelo e mergulhava de novo. Júlia se apavorava quando não podia ver a moça, mas alguém dizia: “Olha ela lá, mais na frente.” Júlia dizia: “Senhor!”. Mas Euzébio não falava, não dizia nada. Passaram quase o dia todo viajando e chegaram a Canavieiras lá pelas cinco da tarde. Quando o barco ia chegando e foi encostando, a moça já estava na areia, em pé, esperando por eles. Aí Euzébio falou: “Eu não disse a vocês que ela chegava primeiro que nós?!”. Eles saltaram, foram para casa que meu tio tinha lá e depois arriaram uma obrigação para Dandalunda, o *inquire* da moça. Muita gente disse que não estava acreditando, porque ela foi nadando dentro d’água, mas ela era filha de Dandalunda. Até um senhor que tinha ido assistir à festa disse: “Eu não acreditava nessas coisas.” Euzébio respondeu: “Agora o senhor acredita!”. Pode até ser que hoje em dia ainda tenha essas coisas, mas eu acho difícil. Mas naquele tempo tinha!



Dona Roxa (Mameto Bandanelunga), em 1967.

O terreiro Nossa Senhora Sant'Ana Fé e Razão

A passagem de Tata Gombé

Minha mãe, como eu já disse, se chamava Izabel Rodrigues Pereira. Ela nasceu no dia 2 de setembro de 1910, em Castro Alves, e era conhecida por todos por seu apelido de infância, Roxa, Dona Roxa: era assim que todo mundo a chamava. E, como eu contei antes, minha mãe fez suas primeiras obrigações com Hipólito Reis, o Dilazenze Malungo. Ela também trabalhava com meu tio Euzébio, irmão dela, desde pequena.

Desde mocinha, minha mãe começou a receber esse caboclo, Seu André Caitumba, um boiadeiro que continua aqui comigo até hoje. Até hoje ele responde no jogo. Eu nunca quis me separar dele. Ele era, e ainda é, o puxa-folha da casa. Eu mesma tenho uma cabocla, Jupira, que é a segunda puxa-folha da casa. Primeiro, vou a Seu André, e o que ele ordena passa para a cabocla. Ele era responsável por todas as obrigações da casa, dos clientes, e até hoje eu ponho Seu André na frente da minha própria cabocla. Foi desde muito cedo que minha mãe começou a receber esse caboclo. No início, ela nem sabia o que era e dizia que se sentia estranha, que de vez em quando dava aquelas coisas. Como ela não sabia o que tinha, falou com tio Euzébio, que então, junto com Dilazenze Malungo, deu aquele *bori* nela. Aí, ela começou a trabalhar com ele.

Mais tarde, pouco antes de meu tio falecer, ou *cufar*, como a gente diz no candomblé, ele disse para a minha mãe, que virava muito no santo, ficava virando toda hora:

– Roxa, você tem que completar suas obrigações, ou seja, você tem que raspar o santo, porque eu e Hipólito Reis só demos um *bori* pra você. Você tem que procurar alguém, quer dizer, você não: o santo é que vai decidir. Você tem que raspar pra depois poder receber o *sacafunã*, abrir sua casa e tocar o seu nome pra frente, juntamente com as outras pessoas.

Quando tio Euzébio faleceu, mãe já estava casada, e ficou pensando em como ia fazer aquilo, porque ela não conhecia ninguém. Pai disse, então, a ela:



Seu André Caitumba, caboclo boiadeiro de Dona Roxa (Mameto Bandanelunga).

– Olha, é melhor você deixar isso, porque, quando chegar a hora certa, o santo vai mostrar alguém. É melhor assim, porque a gente pode sair daqui pra Salvador, procurar uma pessoa e não ser a pessoa certa. Melhor deixar Zumbarandanda e Seu André resolverem.

História de Dona Massu

Então, é depois que meu tio faleceu e que minha mãe entrou no lugar dele que entra a história da minha avó Massu. Eu sempre a chamei de avó, porque éramos todos pequenos e, como ela também era mãe de santo da nossa mãe de sangue, chamávamos ela de avó. Eu nunca chamei de “minha mãe”, eu só chamava minha mãe de sangue de “minha mãe”. A minha mãe de santo era muito fechada, não abria muito as coisas para a gente se informar. Mas, nós fomos catando aqui e ali e fomos juntando esse quebra-cabeça que ainda não está completo. Como eu já mencionei, Dona Massu era filha de Zaze e é por isso que a nossa casa tem esse fundamento de Zaze. A *dijina* dela era Quizunguirá e ela era filha de santo da finada Maria Jenoveva do Bonfim, Tuenda de Zambiapongo, conhecida como Maria Neném e primeira mãe de santo Angola, do Tombenci de Salvador. Maria Neném foi iniciada por Roberto Barros Reis, que era africano e recebeu esse nome por ter sido escravo de um Barros Reis. Ela era de Cavungo e tinha uma cabocla chamada Quissanga.



Maria Jenoveva do Bonfim (Tuenda de Zambiapongo), conhecida como Maria Neném; primeira mãe de santo Angola, fundadora do Tombenci de Salvador

Dona Massu era uma negra bonita, muito charmosa. Trabalhava muitíssimo bem para diversas coisas. Até hoje eu rezo todos os dias por ela, pedindo a Deus que ilumine os caminhos dela; que perdoe qualquer coisa que ela possa ter feito de errado, para ela encontrar a salvação. Ela dançava como ninguém! Era uma bailarina no terreiro e dançava com um tamanco de salto muito alto. Quando os atabaques rufavam, ela levantava em cima do tamancão e puxava um barravento bonito, cantava e dançava para Zaze.

Ela era uma pessoa muito rigorosa. Uma vez, quando ela estava aqui para o meu *sacafunã*, ela foi com vários filhos da casa fazer uma obrigação no assentamento do Senhor Tempo, que ficava do outro lado da rua. Eles ficaram muitas horas fazendo a obrigação e, em determinado momento, ela cantou uma *zuela* que se canta para encerrar essa obrigação e que é mais ou menos assim:

“Que hora é essa que eu vou pra casa, que hora é essa que eu vou pra casa, em nome de Deus e Nossa Senhora.”

Imediatamente, várias pessoas olharam nos relógios e disseram a ela a hora. Ela gritou:

– E quem tá perguntando as horas?! Pois agora vamos continuar com a obrigação!

E seguiu com a obrigação durante um bom tempo.

Ela era assim, muito rigorosa. Quando ela veio dar o meu *sacafunã*, nós não estávamos numa situação financeira muito boa. Depois do falecimento da minha mãe, estávamos enfrentando algumas dificuldades. A gente dependia de muitas ajudas para poder fazer a obrigação. Como algumas dessas ajudas demoraram a aparecer, quando Dona Massu chegou faltavam algumas coisas e ela resolveu que não ia fazer a obrigação naquele momento. Fui falar com ela:

– Minha avó, pelo amor de Deus, minha avó, não tem condição de marcar essa festa pra outra data, não tem. Pelo amor de Deus.

– Não adianta. Você sabe que quando eu decido uma coisa ninguém me faz voltar atrás. Pode chamar seu pai e dizer a ele pra chamar o carro pra me levar na rua onde passam os ônibus.

Fiquei desesperada e pensando no que ia fazer. Pai ainda pediu a ela:

– Mãe Massu, pelo amor de Deus, a senhora não pode fazer uma coisa dessas. A senhora veio fazer as obrigações de Mukalê e a gente precisa que a senhora faça.

– Não interessa, eu não quero saber. Não fico aqui nem mais um segundo.

Nessa hora, eu lembrei de uma coisa que tinha ouvido ela dizer uma vez. Ela disse que a única coisa no mundo que podia fazer ela voltar atrás era se a pessoa batesse a cabeça no chão e pedisse “pelo bem que a senhora queria a

Maria Jenoveva do Bonfim, Maria Neném”. Isso bateu na minha cabeça na hora e eu me joguei nos pés dela e disse:

– Minha avó, pelo bem que a senhora queria a Maria Jenoveva do Bonfim, Maria Neném, a minha avó de santo!

– Levante! – ela disse.

– Eu não vou levantar não – respondi. – A senhora vai me dar *malembe*, minha avó! Pelo bem que a senhora queria e quer até hoje à mãe de santo da senhora, que é minha avó, Maria Jenoveva do Bonfim, não me deixe, pelo amor de Deus!

– Descarada, você lembrou, não foi?

– Mas não foi a senhora mesma, minha avó, que falou que quando quisesse...

– Não tô te perguntando nada!

Aí ela levantou, me pegou, me levantou, me abraçou, pegou a saia, enxugou minhas lágrimas e disse:

– Tudo bem. Por ela eu vou ficar.

E eu, calada, pensei: “Se eu não guardo isso...”



Dona Massu (Mameto Quizunguirá), 1975.

Acontece que nessa época eu estava grávida. Mas eu não sabia. Logo que saí da conversa com minha mãe de santo, comecei a me sentir mal. Pedi para chamarem alguém e, quando a pessoa chegou, eu já estava com uma hemorragia. Minhas irmãs disseram, então, que, quando eu contasse isso para Dona Massu, ela não aceitaria dar o *sacafunã* e iria embora. Fiquei desesperada de novo, porque se suspendessem a cerimônia eu não teria condições de reunir tão cedo de novo o que tinha conseguido para a festa. Minhas irmãs me levaram para o Hospital Regional aqui perto. Lá, eles confirmaram que eu havia perdido a criança e disseram que eu tinha que ficar internada por uns três dias para fazer uma curetagem e, depois, me recuperar. Minhas irmãs, então, disseram que não tinha jeito, que eu ia ter que falar com minha avó Massu. Mas eu disse que não! Disse a elas que chamassem pai e combinei com todos que diriam que eu havia viajado para o interior para receber um dinheiro que alguém devia à minha mãe e que só entregaria a mim. Minhas irmãs disseram que eu estava louca, que eu não podia recolher naquele estado, porque eu ia ter que tomar banho frio de madrugada, ia ter que pisar no chão frio, tudo o que as pessoas recolhidas têm que fazer. Eu disse que confiava em Zâmbi, em Zumberandanda, em Seu André e na dona da minha cabeça, Matamba, e que eu ia fazer isso mesmo. Meu pai contou essa história para Dona Massu, que aceitou. Três dias depois eu voltei, me recolhi, cumpri todas as obrigações e recebi meu *sacafunã* sem sofrer nada. Graças a Deus e aos *inquices*!



Festa de Inkôssi: Dona Jorgina (Quiombamba), Dona Roxa (Mameto Bandanelunga, no centro da roda), Dona Dolores (Mameto Nabulenganga) e Dona Hilsa (Mameto Mukalê, ao lado).

Bem, voltando um pouco no tempo, aqui em Ilhéus morava uma senhora chamada Dona Jorgina, filha de Roxo Mucumbo, cuja *dijina* era Quiombamba. Mais tarde, ela foi madrinha de santo da minha mãe. Mas, antes da minha mãe fazer o santo, ela já vinha nas festas aqui. Ela era filha de santo da finada Miúda, de Salvador. Quando ela soube que minha mãe tocava aqui, que dava o *mun-gunzá* de Zumbarandanda, ela foi se aproximando e, por ocasião de uma festa de Zumbarandanda, ela trouxe uma conhecida dela. Essa conhecida era minha avó Massu, que vinha muito a Ilhéus e, às vezes, se hospedava na casa de Jorgina. Embora fossem de casas diferentes, elas eram muito amigas, e Dona Massu também era amiga da finada Miúda, de Salvador, mãe de santo de Jorgina.

Jorgina avisou Dona Massu que elas iriam a uma festa na casa de Roxa e explicou que, embora ela ainda não fosse feita, fazia tudo direitinho, que as coisas lá eram todas certinhas. E que não era para Dona Massu reparar. Ela respondeu que jamais ia na casa dos outros para *xoxar* nada. Aí elas vieram e Jorgina apresentou Dona Massu à mãe. No decorrer da festa, na hora de chamar Zumbarandanda, ela desceu, recolheu para vestir e voltou para a sala. A santa, então, tomou a bênção à minha avó Massu, chamou pai e disse que era para levar Dona Massu para o quarto do santo, porque ela queria falar com ela. Meu pai, a finada Quiombamba e minha avó Massu entraram e, lá dentro, a santa da minha mãe disse que ela queria que aquela senhora fizesse as obrigações da minha mãe. Que raspasse, que viesse plantar a roça, a casa de Bombojira (ou Exu, como eles dizem na nação ketu), tudo. Porque já tinha as coisas, mas faltava fazer o principal.

– Mas minha velha, eu? – Dona Massu respondeu.

– A senhora mesma – disse Zumbarandanda.

– Então tá bom! Vou ficar aqui e depois venho conversar com a dona da casa porque ela não me conhece. Fui apresentada a ela, mas ela não me conhece. Então ela vai ter que saber que a santa dela pediu isso.

Depois de uns dois dias ela veio, conversou com minha mãe, que disse:

– Tudo bem, se ela escolheu a senhora, tudo bem, não sou eu que vou dizer que não. Agora, a senhora vai ter que passar uma nota pra mim pra eu poder ir me arrumando.

Dona Massu passou, então, a nota a ela, com tudo o que ela precisava arrumar. Disse que primeiro tinha que fazer os homens, os *tatas* (ou *ogãs*, como se diz no ketu), porque eram eles que tinham que cortar para Tempo, para Bombojira, para os santos de fora; fazer os fundamentos para depois entrarem ao lado das mulheres. E esse foi o primeiro barco, o do meu pai e meus tios, os irmãos de mãe e o irmão de pai, o finado Eutique, que era de Zaze e tinha como *dijina* Lemburassimbi.

Minha mãe foi então se arrumando até estar com tudo pronto. Ela comprava as coisas. Naquele tempo tinha muita fartura de tudo. Comprou sacas de arroz, de feijão, fardo de carne-seca, de carne de sol; arrumou a dispensa toda para poder receber a comitiva de Dona Massu. E aqui na roça também tinha muita criação. Aí Dona Massu marcou quando vinha, veio e recolheu os homens. Fez e confirmou os *tatas*. Deu comida aos atabaques porque, quando comessem as obrigações, os homens tinham que estar prontos para ajudar. Ela veio e trouxe o Tata Munanzambi, que era de Tempo, um senhor que ela apresentava como marido dela. A gente aqui tinha ele como pai; ela como mãe e ele como pai. Ele era uma pessoa muito nobre, uma pessoa boa, que respeitava todos os santos e todas as pessoas.

Tata Munanzambi veio para fazer algumas obrigações do meu pai, porque se fossem feitas por Dona Massu e, depois, ela fizesse as da minha mãe, eles ficariam como irmão e irmã. Então, foi o Tata Munanzambi quem fez essas obrigações de pai. Depois, ela fez todos os homens, plantou a roça, fez os fundamentos do barracão, da casa do Senhor Tempo – que ficava lá do outro lado da rua –, arrumou a casa de Bombojira... Tudo, tudo, tudo. Fez as oferendas para os atabaques, batizou os atabaques e, quando estava tudo arrumado, ela fez entrar as mulheres. Ela recolheu minha mãe, minha tia Alice (que, como eu contei, era de Matamba e tinha como *dijina* Deloiace), Eunice Rodrigues (conhecida como Vó, filha de Cavungo, cuja *dijina* é Monatumbeleza, e uma menina de Dandalunda, que minha mãe criava (Augusta, que tinha como *dijina* Mucaliassimbi). Ela recolheu, tirou, deu o nome, tudo direitinho. Esse barco foi recolhido no dia 6 de dezembro de 1945 – às nove horas da noite, como meu pai anotou na caderneta dele – e a saída foi nos dias 18, 19 e 20 de janeiro de 1946. Logo depois, no dia 10 de junho de 1946, como meu pai também anotou, o terreiro foi registrado na delegacia. Porque naquele tempo ainda era preciso fazer essas coisas.

Depois que o barco de mãe já estava pronto, alguns meses mais tarde, foi recolhido o barco das filhas dela: Irani (de Catendê, cuja *dijina* é Luanda, que acabou virando o apelido dela), Irene (de apelido Preta, de Lembá e de *dijina* Calembá), eu (de Matamba, *dijina* Mukalê) e Ilzete (Dunha, de Zaze, *dijina* Guialêmbi). Só eu não tinha apelido. Quer dizer, só os irmãos de meu pai é que me chamavam de Zinha. E entrou uma moça que minha mãe criava, a finada Ambrosina, de Cavungo, cuja *dijina* era Catuiá. Esse barco foi recolhido no dia 27 de junho de 1946, e nós demos o nome do santo no dia 6 de outubro de 1946.

Então, quando o barco da gente entrou, minha mãe já estava pronta. Mas a diferença de idade de santo da gente é pouca. Todo mundo tem quase a mesma idade, com diferença de meses de uma para outra. Dona Massu trouxe algumas

filhas de santo dela de Salvador para ajudá-la e para nos ensinar. Lembro bem que uma delas era uma menina de Zumbarandanda, acho que a *dijina* era Nagetu. Ela era nova, uns dezoito anos, talvez até menos. E tinha outra, de Dandalunda, Lucaia, que só tinha um ano de santo, mas que nós já respeitávamos porque ela nos ensinava tudo... Ensinava a dançar, essas coisas todas. Tínhamos que tomar bênção a ela, era nossa *cota*. Ela era filha do Tata Munanzambi.

Histórias de antigos candomblés



Festa de Zumbarandanda, em julho de 1956: Estermito, no rum; Afrânio, no contra-rum; Ubaldo, no rumpi.

Para plantar uma roça aqui em Ilhéus era, então, preciso trazer alguém de fora, de Salvador, porque não existia nenhum terreiro assim, completo. Alguns tocavam, mas o nosso foi o primeiro que teve todos os fundamentos feitos. Plantar a roça, o assentamento do Senhor Tempo, a Casa de Bombojira... Tudo isso foi o nosso terreiro o primeiro a ter aqui em Ilhéus. Até que tinha muito candomblé aqui na época de minha mãe. Tinha o do finado Caboclo – chamavam ele assim porque era caboclo mesmo, de cabelo liso. Tinha o da finada Percília, o da finada Adelaide... Era tudo assim, mato, roça, cada um tinha seu sítio. Quando Adelaide tocava, nós saíamos daqui a pé, em noite de lua cheia, para ir para o Iguape. Era uma beleza e eu estava em todas. Minhas irmãs não iam, mas eu ia sempre. Saíamos de noite, cedo, mãe levava todo mundo. Nós íamos andando, com a lua bonita, íamos e vínhamos. Adelaide gostava muito de mãe. Ela era

uma senhora escura, forte, e na frente do caramanchão passava o rio e tinha o terreiro e muitas árvores. Ficávamos por lá dois a três dias.

Tinha também a casa de uma outra senhora, Dona Caboclinha, na Praia do Marciano. Tinha Dona Suza e o de outra senhora, que era no morro, muito antiga também. Tinha outra casa em uma descida da Conquista, lá perto da Praça Santo Antônio. Mas não tinha como hoje em dia. Porque eu sou do tempo que, quando a gente ia em um candomblé, chegava e esperava na porta. A mãe ou o pai de santo via a gente, os atabaques paravam, dobravam os couros e de lá de fora os *tatas* cantavam, primeiro, três licenças, “Oi dai-me licença, oi dai-me licença, alô de...” Aí dizia o nome do *inquice*. Depois que cantavam essas três, cantavam uma *zuela*, um barravento, que é a mesma que cantamos no início dos nossos toques, quando me chamam para entrar. Aí é que a mãe de santo entrava com a comitiva dela toda. Entrava, louvava o fundamento da casa, depois os atabaques; falava com o dono da casa, depois com o pessoal todo e acomodava as pessoas. Todos sentavam e apreciavam o candomblé, o *xirê* da casa todo. Só depois que a pessoa acabava de fazer o *xirê* é que oferecia para as visitas. As pessoas que quisessem cantar, cantavam, dançavam e ajudavam a fazer o candomblé.

Hoje em dia, quando a gente chega no candomblé é diferente. Quando eu recebi meu *sacafunã*, fui em todas as casas, visitei todo mundo. A casa aonde eu ia mais era a do finado compadre Pedro Farias – que não era uma casa muito antiga não, apareceu há pouco tempo. O Oxóssi dele fazia questão que eu puxasse ele para sair. Na casa da finada Percília, eu fui quando já estava na mão das meninas dela.

Depois, eu parei de ir, porque já não é a mesma coisa, não vale mais a pena. A gente chega e, se vai dançar, vemos os mais novos passarem na nossa frente. Antigamente, as pessoas mais novas ficavam atrás e os mais velhos na frente. Não tinha esse negócio de passar na frente. Hoje em dia cada um quer aparecer mais que o outro, e eu prefiro ficar sentadinha, apreciando. Porque muitas filhas de santo não respeitam ninguém. Cada uma dá uma rabanada pior que a outra e eu fico com medo de me fazerem cair. Já pensou?! Ave Maria! Então, eu sento e aprecio.

Quase todos esses candomblés antigos de Ilhéus eram Angola, mas costuravam muito com Ketu. Os que cumpriam direitinho o ritual era aqui e na casa da finada Percília. Sempre converso com minhas filhas que já têm casa aberta e digo que não posso dar uma lição e elas fazerem outra. Porque eu sigo o caminho da minha mãe e o que aprendi eu passo para elas. Senão, vai manchar a imagem de minha mãe e depois a minha. Sempre que chamo a atenção delas, explico que é porque não quero ver ninguém fazendo chacota da casa delas. Quero que

falem bem e que, para isso, elas têm que fazer direitinho para não cair na boca do povo. Depois vão dizer que foi a mãe de santo que ensinou errado.

Só o terreiro de Dona Caboclinha, lá na Praia do Marciano, é que não era Angola, era da nação Amburaxó. Mãe gostava dela e por isso a gente ia muito lá. Essa senhora morreu e, antes de morrer, esteve muito doente, velhinha, abandonada, passando necessidade. Quando dei minhas obrigações, ela veio aqui, assistiu, viu minha mãe de santo me entregar meu *sacafunã*. Quando ela estava doente, ela veio aqui me pedir para fazer um *ebó* para ela. Eu disse a ela, na frente do meu pai:

– Um *ebó*?! Ave Maria! Imagine eu fazer um *ebó* pra senhora! Pelo amor de Deus! Na frente da senhora eu sou deste tamanhinho.

– Eu quero que você e sua filha façam um *ebó* pra mim. Sei que não vou demorar muito pra ir, mas preciso dar comida ao santo – ela respondeu.

Acho que isso teve muita coisa a ver com meu *quequê* pelo santo dela porque eu sempre tive uma queda especial pelos filhos de Cavungo. Porque as pessoas desse santo estão sempre me procurando. E ela era de Cavungo, com um caboclo cujo nome esqueci. Então ela disse:

– Não, minha filha, pode fazer sem receio. Eu estou pedindo. Sei que você sabe como pedir licença pra botar a mão em mim. Eu quero que você faça. Aqui em Ilhéus não tem mais ninguém a quem eu possa recorrer. Como sua mãe não está viva, preciso que seja você.

Então eu fui, chamei ela, pedi licença, pedi no jogo, joguei para ver o que Seu André ia responder. Ele disse que era para eu fazer, pois ela estava precisando. E como era uma pessoa querida, eu não podia negar. Fomos e compramos tudo. Pai desceu, comprou tudo e fizemos a obrigação dela. Demos a comida para Cavungo e, com pouco tempo, ela foi embora. Ela ficou tão alegre...

Depois que ela faleceu, o terreiro dela acabou, assim como a maior parte desses terreiros antigos. Acabaram por falta de recursos e por falta de pessoas para dar continuidade. Quem teve coragem e força para dar continuidade fui eu e as meninas da finada Percília. Quando minha mãe se foi, muita gente achou que aqui ia acabar, porque todos a respeitavam e acharam que eu não ia conseguir dar continuidade. Mãe sabia se impor. E pai também era outro que só em olhar para ele, a pessoa já se corrigia. Eu enfrentei trancos e barrancos, mas consegui, estou aqui até o dia que Deus permitir. Minha mãe deixou comigo e não vou deixar cair não. Teve até gente que me dizia para tirar os santos, jogar tudo na rua. Será que achavam que sou maluca? Como ia ficar minha cabeça? Mas eu enfrentei as dificuldades e estou aqui, contando essa história. Todas as filhas de santo de mãe me respeitam, porque aqui tem raiz e a raiz daqui é bem funda.

É claro que tem que ter algumas inovações, porque hoje as coisas não são mais como eram na época da minha mãe; hoje as coisas já estão mais modernas. Antigamente, para a pessoa se submeter às obrigações e às iniciações do santo, eram três meses de recolhimento na camarinha, sem sair para ver o sol, para ver nada. Era lá dentro, trancadinho; só saía de madrugada para tomar os banhos de *maianga* – o banho de preceito que se toma todo dia às quatro horas da manhã. Vai cantando e, quando chega lá, todo mundo fica abaixadinho, virado no *vunji* (ou *erê*, como se diz na nação ketu). Aí, a *cota* mais velha pega uma a uma e vai botando perto da fonte e, com a cuiazinha, vai pegando a água, fazendo os preceitos na cabeça, jogando, jogando, uma a uma, e passando para as *cotas* mais velhas. Quando termina, todo mundo entra debaixo do *alá* para voltar para a camarinha. De noite, as *muzenzas* vão para os ensaios para aprender a dançar e aprender outras coisas: como é que se pede bênção aos mais velhos; o que pode e o que não pode comer; como é que se pede licença... Essas coisas todas que têm que ser feitas no Angola. Quando chega a ocasião das *muzenzas* saírem, elas já estão sabendo como é que têm que fazer. É assim. Lá dentro o processo é esse, é para ficar aprendendo.

Hoje em dia não tem mais condição de recolher uma *muzenza* por três meses. Porque todo mundo trabalha e, quando tem uma licença, é de vinte e um ou trinta dias. Então, temos que fazer as obrigações nesse tempo para não atrapalhar a volta da pessoa para o emprego. A gente faz isso porque hoje não dá mais. Mas, mesmo com essas mudanças, fazemos de tudo para dar continuidade às coisas, para cultivar a tradição do terreiro Tombenci.

Porque muitas vezes o progresso atrapalha o candomblé. Como eu já contei, antigamente isso aqui era uma roça, uma chácara. O terreiro era todo dentro dessa chácara, onde tinha de tudo: árvores, fonte, tudo. Não existia essa rua que passa aí agora e, do lado de lá, havia duas jaqueiras (uma de jaca mole e outra de jaca dura), que ficavam logo acima da Casa de Bombojira e do assentamento do Senhor Tempo. Essas jaqueiras passaram por muitas obrigações, que eram arriadas nos pés delas, e por isso tinham muita força.

Certa vez, um prefeito resolveu derrubar as jaqueiras para fazer passar uma rua. Minha mãe avisou que não deviam derrubar, mas mesmo assim eles vieram. Vieram com aqueles tratores, mas, na hora de derrubar, os tratores davam defeito, paravam de funcionar, prendiam, e não conseguiam arrancar jaqueira nenhuma. Até que o rapaz que dirigia o trator – que está vivo até hoje – disse que não ia fazer aquilo não; que não ia derrubar coisa nenhuma. E não derrubou. As jaqueiras ficaram lá até o dia em que meu pai foi obrigado a vender o terreno.

Nessa época, eu procurei o comprador e pedi a ele que, quando fosse derrubar as jaqueiras, me desse os troncos. Ele concordou e, de fato, quando as

jaqueiras foram cortadas, ele meu deu esses troncos. Muita gente levou pedaços dessas jaqueiras. A maioria das pessoas velhas do bairro ficou com uma lembrança: fizeram banquinho, tamborete... Eu guardei os dois troncos, que ficaram aí durante anos, rolando para lá e para cá. Quando chovia, eu ficava preocupada e mandava cobrir com plástico para não estragar. Muitos anos depois, conhecemos Jaco e soubemos que ele fazia trabalhos com madeira. Eu, então, pedi a ele que fizesse alguma coisa com os troncos, e ele esculpiu um banco para a minha cabocla e este lindo trono onde eu sento. Este trono é uma relíquia que vai ficar para os filhos, netos, bisnetos, tataranetos e não sei até onde vai. Outro dia, veio uma italiana aqui e quis comprar o trono, disse que levava de avião para a terra dela. Eu respondi:

– Ah, minha senhora, não tem dinheiro neste mundo que compre este trono.

– Eu pago o que a senhora pedir – ela respondeu.

– Não, não, não abra sua mão, porque eu não vou abrir a minha. Não tem dinheiro no mundo mesmo que compre este trono.

– Mas eu fiquei louca por ele, eu queria tanto levar...

– Mas não vai levar, não. Não tem jeito.

– Quer dizer que você não vai me vender mesmo?

– Não, não vou. De jeito nenhum. Mas de jeito nenhum e qualidade, como diz o mineiro.



Raiz da jaqueira da qual seria feito o trono de Dona Hilsa.



Trono de Dona Hilsa, à esquerda; à direita, cadeira de Angorô.

História de Mãe Roxa

Voltando à nossa história. Depois que o nosso barco saiu, nós tocamos para frente as obrigações todas. Alguns anos mais tarde, minha mãe veio a recolher o primeiro barco dela, depois que minha avó Massu deu o *sacafunã* dela. Isso aconteceu no dia 26 de julho de 1958. Ela passou, então, para mãe a mão de tesoura e navalha, para ela poder recolher o primeiro barco dela. Esse barco foi recolhido no dia 27 de setembro de 1958 e era formado por oito *muzenzas*. Uma delas era Dona Júlia, Cajiberu, que tinha começado a iniciação com meu tio Euzébio e de quem já falamos. Outra era Dolores, de Zaze, uma moça que minha mãe criava e que recebeu a *dijina* Nabulenganga. Tinha também a finada Matilde, Guiomar, Lurdes, Almerinda, Alaídes e uma outra que a gente chamava de Preta de Oxóssi. Depois, minha mãe foi botando os outros barcos dela.

Minha mãe criou muita gente dentro de casa. Criou muitas meninas, mocinhas, que foram iniciadas no candomblé e que só saíam daqui casadas. Todas casaram. Porque quem se metesse com elas tinha que conversar com meu pai para dizer o que estava querendo com aquelas meninas. Tinha que namorar na porta, com horário marcado; entrar, namorar, ir embora. Não tinha esse negócio de ficar até meia-noite, como hoje. De jeito nenhum! Quando chegava aquela

hora certa, pai dizia: “Me desculpe, mas tá na hora de você ir se retirando porque é hora das meninas dormirem e descansarem, porque amanhã é outro dia”. Só saía daqui casada, casadinha, bonitinha, de véu e grinalda.

Mas, durante toda a vida, ela só recolheu um homem, Nerisvaldo, lá de Itapetinga, que era filho de Cavungo. Ele já fazia alguns trabalhos e raspou por questão de saúde. A *dijina* dele era Caturazambi e, como ele viajava muito, ele espalhou o nome do Tombenci pelo Brasil, porque estava sempre iniciando alguém em algum lugar.

Minha mãe nunca entregou o *sacafunã* a nenhuma filha de santo dela porque achava que, como só tinha recebido o dela um tempo depois que fez o santo, quando já tinha casa e tudo, devia fazer o mesmo com as filhas. Ela achava que não é só porque alguém completa sete anos de obrigação que tem de receber o *sacafunã*. Então, ela ia deixando, e acabou que ela se foi sem dar o *sacafunã* a ninguém. E, como eu fiquei no lugar dela, como ela deixou para mim, eu pensei assim comigo: “Puxa vida, minha mãe não teve tempo de entregar o *sacafunã* de nenhuma filha de santo dela e, se ela deixou o cargo comigo, eu acho que eu tenho, por obrigação, que valorizar os trabalhos de minha mãe. Porque se eu não valorizar, quem vai valorizar o que ela fez e deixou para eu tocar para frente?”. Achei então, por bem, começar a entregar o *sacafunã* do pessoal mais velho, e o primeiro que entreguei foi o de Dolores. Hoje, acho que já passei muitos *sacafunãs* para muitas filhas de santo da minha mãe e também para as minhas, bem umas cinquenta ou sessenta já com ordem de poder abrir terreiro. Nem todas abriram casas, claro, mas se contarmos entre netos e bisnetos deve ter umas sessenta pessoas com casas abertas, aqui em Ilhéus e fora daqui.

Minha mãe, como eu já disse, era de Zumbarandanda, que é uma *inquice* que tem muito a ver com o lado da morte. Nossa mãe de santo dizia que ela é a avó, a mestra. É a *inquice* mais velha de todos, uma santa que não é tão comum encontrar em uma casa de candomblé. Depois, como segundo santo, vinha Mutalambô (um tipo de Oxóssi, como dizem no ketu). O Inkôssi do meu pai também passava por ela. E tinha o caboclo, o puxa-folha da casa, Seu André Caitumba, um boiadeiro. Além disso, mas muito raramente, ela recebia o caboclo Seu Trovezeiro. Uma dessas vezes foi bem perto da passagem dela. Também passava por ela um *inquice* chamado Agué, que também é um tipo de Oxóssi e é muito, muito raro. Ela também, muito de vez em quando, recebia o caboclo do meu tio Euzébio, Ouro Preto, que, como eu já contei, era tão rigoroso que até pai tinha medo dele.



Nerisvaldo (Caturazambi), ao lado de Dona Roxa (Mameto Bandanelunga), em torno de 1970.

Todo dia 26 de julho, mãe festejava Zumbarandanda e, no domingo seguinte, fazia a feijoada de Inkôssi, o santo do meu pai, que era de Inkôssi do Cariri. Na segunda-feira, fazia o encerramento da obrigação, com o Tabuleiro para Cavungo, com *doboru* (pipoca). Eu tento continuar com a mesma tradição; achei que era uma obrigação minha não deixar de lado. Como eu tenho muito respeito pelos *inquices* dos meus antepassados, continuei fazendo as obrigações de Mameto Zumbarandanda mesmo quando era muito difícil, quando atravessei um período muito ruim. Mas aí, eu lembrava que minha mãe fazia essa festa com tanto amor, com tanto carinho; que trabalhava o ano todo para fazer essa festa, e então eu dava um jeito e fazia. Isso é realmente muito gratificante para mim e por isso eu passei a chamar essa festa de “a festa da saudade”, porque é isso, é um momento de muita saudade. Eu continuei fazendo e vou continuar até o dia em que Deus permitir. Com a feijoada de Inkôssi é a mesma coisa.



Zumbarandanda de Dona Roxa (Mameto Bandanelunga).

A festa de Zumberandanda é uma das grandes festas do nosso terreiro, dia 26 de julho, que às vezes a gente celebra em um final de semana próximo para facilitar para quem trabalha. A outra grande festa é a da minha santa, no dia 13 de dezembro. Às vezes, a gente faz essa festa no dia 20 de janeiro, que é dia de São Sebastião e tem um significado muito especial para nós, porque foi o dia em que a santa da minha mãe deu o nome. Outras festas são a de Bombojira, no Sábado de Aleluia (quando reabrimos o terreiro depois da Quaresma); a de Angorô, em agosto; a obrigação do *gongá* (fogueira), no São João; e a de Zaze, em setembro.

Depois de sete anos de falecimento de mãe, a santa dela me pegou e eu fiquei recebendo ela todo ano, no dia da festa. O Mutalambô dela também passa por mim, porque eu sou de Matamba com Inkôssi, mas tenho esse Mutalambô de herança. É por isso que faço essa festa e faço questão de dar o máximo: o que posso fazer para deixar tudo arrumadinho, tudo bonitinho, eu faço. Quando eu vejo tudo arrumadinho, fico feliz. Porque os *inquices* que ela deixou, por incrível que pareça, até hoje eu nunca troquei o lugar de nenhum. Só tiro para fazer o *ossé*, a limpeza, e depois coloco no mesmo lugar.



Baile da festa de aniversário de Dona Roxa.

Dentro da programação do terreiro na época da minha mãe, havia uma coisa especial. Quando vinha o aniversário dela, que era no dia 2 de setembro, ela abria, assim, um parêntese para fazer uma festa que não era dentro do ritual. Era um baile que ela dava. Nesse baile, as pessoas só entravam de paletó e gravata, de gala. Tinha uma orquestra que vinha tocar na festa. Era a orquestra Itamarati, do finado compadre Chico Carapeba, que era *tata* da casa e que só tocava em lugares requintados. Esse baile era muito falado, era muito cotado na cidade. Quem é que não queria vir para o aniversário de Dona Roxa? Todo mundo queria! Pai comprava um monte de gravatas, porque, quando chegavam aquelas pessoas de última hora, sem gravata, ele, muito rígido, emprestava a gravata ou não deixava entrar. Era um baile de gala mesmo e tinha a hora, lá para meia-noite, em que mãe e pai dançavam a valsa. Depois que eles dançavam, os filhos e os convidados iam dançar. Havia uma parada, mais tarde, para o banquete para os convidados e para a orquestra. Esse baile da minha mãe era uma coisa muito falada, tradicional em Ilhéus. O terreiro ficava assim de gente, todo mundo suando, mas de paletó e gravata. Senão, não entrava! Maior respeito. Hoje a gente entende que mãe podia fazer o aniversário à moda do terreiro, mas que aquilo era uma forma do terreiro se impor diante da sociedade branca.



Orquestra Itamarati, de Chico Carapeba, em baile da festa de aniversário de Dona Roxa.

Aqui na cidade tinha o programa de Zé Tiro Seco, locutor da Rádio Cultura, que, no mês de aniversário de alguém, os amigos podiam pedir que tocasse uma música para o aniversariante. Quem tivesse o maior número de pedidos era homenageado com uma música especial. No mês do aniversário de mãe, ela ganhava todo ano. Batia o recorde, porque muita gente oferecia uma música para ela. No outro dia, ela era entrevistada, aquela coisa toda. São coisas assim que são histórias do terreiro.

História de Seu Valentim

Como eu contei, a família da minha mãe veio de Castro Alves aqui para Ilhéus depois que o pai dela morreu. A família era pobre e ficou sem opção. Aí resolveram vir tentar a vida aqui, na terra do cacau. Já a família do meu pai é daqui mesmo da região. Ele dizia que era daqui, do interior, grapiúna. Contava que trabalhou muito nas roças de cacau, junto com o pai, Aristides Pereira. A mãe dele, minha avó paterna, se chamava Cândida Pereira. Depois, ele foi chegando para a cidade e começou a trabalhar no trapiche. Eles também moraram no Largo da Conquista, como a família da minha mãe. Eu conheci pouco meus avós paternos. A mãe do meu pai tinha o cabelo curtinho, bem crespo, e a cabeça já toda branca. Vovô Ari era meio sarará. Ela faleceu no dia 27 de outubro de 1947.

Pai tinha quatro irmãos: Pedro, Antônio, Cosme e Eutique. A família dele não era ligada às coisas do santo e foi através de mãe que meu pai e tio Eutique entraram no candomblé. Meu pai se chamava Valentim Afonso Pereira e, como eu já disse, era Tata Pocó da casa (responsável pelo corte dos animais, que eles chamam de *axogum* na nação ketu); era filho de Inkôssi do Cariri e sua dijina era Candemburá. Além dele, o único irmão que deu obrigação foi tio Eutique, que era *tata xicarangoma* (responsável por puxar os cantos, as *zuelas*) aqui da casa, filho de Zaze, cuja *dijina* era Lemburassimbi. Os outros sempre vinham aqui, mas nunca deram obrigação.

Quando meu pai conheceu mãe e começou a namorar, ela já tinha as coisas dela do santo, mas não sabia o que era. Meu tio Euzébio disse a pai que ela tinha um caboclo e que esse caboclo ia ficar passando por ela, mas que a dona da cabeça dela era Zubarandanda. Disse também a ele que, se ele quisesse realmente ficar com ela, tinha que se unir a ela nas coisas do candomblé. Como ele era muito respeitador dos negócios do santo, ele aceitou.



*Seu Valentim (Tata Candemburá), Dona Roxa (Mameto Bandanelunga)
e Maria Augusta.*

Meu pai era um homem sério, de personalidade forte, mas de coração bom. Era uma pessoa com força na hora de agir. Era uma pessoa que tinha aquela fé inabalável: para ele não tinha hora para servir os *inquices*: meia-noite, de madrugada, podia estar caindo o toró que fosse, qualquer hora que ela dissesse “precisa fazer isso para o santo”, ele fazia. Ia a qualquer lugar para servir uma pessoa: chegava na porta, batia na porta, dava um sacudimento. Minha mãe dava as ordens para ele, ele atravessava para o outro lado – porque era uma chácara aqui naquela época – e ia atender às pessoas que precisavam. Sempre com respeito, sempre com carinho, sempre com dedicação, sem fazer diferença de cor ou, como se diz, de condição social. Ele sempre tratou todo mundo bem. Meu relacionamento com ele era muito bom e ele sempre esteve ombro a ombro comigo, principalmente depois que mãe faleceu. Quando me casei, fui morar na rua Miguel Alves. Depois vim para cá, para poder ficar mais perto da minha mãe, e fiquei aqui até quando do falecimento dela, quando eu fiquei junto com ele, cuidando da casa e cuidando das coisas dos santos.

Quem orientou a confirmação dele também foi Dona Massu. Como eu já contei, ela trouxe Tata Munanzambi de Salvador para fazer as obrigações dele, porque ela não podia fazer as obrigações dos dois porque eles ficariam irmãos. Ele era uma pessoa que não era, assim, bem desenvolvido na leitura, mas o pouco que ele sabia, ele aproveitava muito bem. Porque de tudo ele tomava nota. Aqui tinha muita criação: bode, cabra, carneiro, galinha de angola, ganso, pato, pavão, essas coisas. Meu pai escrevia nos cadernos o dia que a cabra deu cria, a hora, as obras que estavam sendo feitas, tudo. Tudo o que ele via, tomava nota. Tem a data do nascimento do primeiro neto, a data do meu casamento, a data da minha separação, a data da primeira vez que a cabocla me pegou. Tudo ele anotava na cadernetinha dele, não deixava passar nada. Ele dizia para a gente:

– É assim que se faz pra não esquecer nada.

Meu pai faleceu no dia 18 de novembro de 1992 e, quatorze dias depois, no dia 1º de dezembro, nós realizamos o *sirrum* dele. Quando ele faleceu, aconteceu de novo o que tinha acontecido com meu tio Euzébio. Na arrumação das coisas, uma irmã de criação minha pegou um monte de papel anotado por ele e começou a se desfazer, a jogar fora. Quando a gente percebeu, quis recuperar, mas conseguimos pouca coisa. Se ela não tivesse jogado metade do material fora, a gente teria uma quantidade ainda maior. Eu estava em São Paulo e, quando cheguei, ela tinha jogado fora um monte de documentos que eram coisas realmente importantes para nós. Foi minha cunhada que viu e tirou uma parte da lata de lixo.



Feijoada de Inkôssi: Chico Carapeba, Wilson, Seu Valentim (Tata Candemburá).

A passagem de Mãe Roxa

Durante trinta anos, então, minha mãe seguiu nessa trajetória no terreiro. Em 1973, chegou a ocasião em que aconteceu o que seria a última festa que ela fez. Nessa festa, tinha muita gente, muitas filhas de santo de fora, muitas pessoas amigas, muita gente íntima da casa, muita gente que há anos não vinha. Mãe fez essa festa com muito capricho, muito além do que ela já fazia, muito bonita. Não sei se ela já estava esperando alguma coisa. Houve a festa, aí tocamos para Zumbiarandanda e a santa veio para a sala e dançou. Na hora de recolher, quando se canta a cantiga dela ir embora, ela fez muita saudação que ninguém entendeu muito bem por que estava sendo feita. Aí a santa foi embora e minha mãe voltou para o barracão para a festa continuar. Na hora da festa encerrar, mãe saiu e voltou umas três vezes, acenando com um lençinho branco para o povo. Todo mundo se perguntava:

– Por que Dona Roxa está acenando tanto? Ela nunca fez isso. Será que ela vai demorar muito a tocar de novo, será que tem algum problema?

Três meses depois da festa, três meses certinhos, ela veio a falecer (no dia 25 de outubro de 1973). Só aí todos entenderam por que ela se despediu tanto, porque ela estava se despedindo do público. Ela estava com um barco reco-

lhido e, quando estava na camarinha preparando uma obrigação, se sentiu mal, com uma forte dor no peito. Vieram socorrê-la e ela foi levada para o Hospital Regional, aqui perto, mas não teve jeito. Foi um ataque cardíaco fulminante.

Algum tempo antes dessa festa, minha mãe tinha decidido construir essa capelinha aí do outro lado da rua. No dia 3 de março de 1973, começou a construção. Ela fez a capelinha, pôs os banquinhos, fez o altar, pôs as imagens, tudo direitinho. No dia 10 de julho, a cruz foi assentada, e no dia 9 de agosto foi a inauguração da capela. Ela chamou todo mundo – filhos, netos e o irmão dela, Delepâmbi, meu tio Esmeraldo – e disse:

– Olha, eu estou chamando vocês pra dizer que eu fiz essa capelinha de Nossa Senhora de Sant’Ana e quero que vocês nunca desfaçam. Porque eu fiz isso aqui com muito amor, muito carinho, muita dedicação. Eu quero que fique aqui pros filhos, netos e bisnetos zelarem e não quero que desfaça de jeito nenhum.



Capelinha de Nossa Senhora de Sant’Ana (hoje Memorial Matamba Tombenci Neto).

Todo mundo prometeu a ela que jamais íamos desmanchar; o irmão, os filhos, os netos, todos dissemos que ninguém ia desfazer, que íamos continuar zelando.

No dia em que minha mãe faleceu, foi uma coisa que chamou a atenção. Quando o pessoal ficou sabendo do falecimento dela, começou a chegar gente para vir visitar antes do corpo chegar. Depois, o corpo foi velado nessa capelinha de Nossa Senhora de Sant’Ana que ela tinha mandado construir. Tinha

gente desde a porta do Hospital Regional, que fica a uns 500m, até aqui. O dia todo, a noite toda, tinha gente de todo tipo; todo mundo fez questão de vir e passar a noite aqui. De uma ponta a outra, era gente nessas calçadas. Isso aqui ficou lotado de gente e de carro. E no outro dia, no enterro dela, foi uma coisa que também chamou a atenção. O comércio fechou e o pessoal chegou a fazer dano dentro do cemitério, porque todo mundo queria assistir. Pulavam por cima do muro, saíam pisando por cima das covas, danificaram muitas covas, muitas esculturas. Já não tinha mais onde caber gente. A fila de carros que se formou no caminho do terreiro para o cemitério era gigantesca. Contam que, quando os primeiros carros estavam chegando lá, ainda havia carros saindo daqui. Porque todo mundo queria ver. Foi um acontecimento e foi uma perda irreparável.



*Interior da capelinha de Nossa Senhora de Sant'Ana
(hoje Memorial Matamba Tombenci Neto).*

Na missa dela, teve até um bispo que disse que ouvia muito falar nos trabalhos dela, que ela nunca havia feito nenhuma perversidade para ninguém: nunca matou, nunca aleijou, nunca fez feitiço para ninguém... Ela simplesmente cumpria com a missão dela, e era uma pessoa que gostava de partilhar. Esse bispo fez questão de declarar isso lá na catedral de São Sebastião. A igreja estava cheia de gente e ele falou no nome dela, falou muitíssimo bem do nome da minha mãe. Disse que a sociedade de Ilhéus tinha perdido uma grande pessoa e falou dela com muito carinho...

Quinze dias depois que mãe faleceu, eu tive minha filha caçula, que também se chama Izabel e também é filha de Zumbarandanda.



Festa de Zumbarandanda (segundo dia, década de 1960).

Histórias de Sirrum

Na religião do candomblé, quando falece uma pessoa feita no santo, o terreiro tem que ficar fechado por um tempo. Se for uma filha de santo normal, pode ser um mês; se for alguém que tenha um cargo, pode ser três; se for uma mãe de santo, aí tem que fechar por um ano, às vezes mais, dois, três. É o luto. Numa casa de candomblé o luto é assim: não pode tocar, não pode ter cerimônia de fundamento. Algumas coisas do dia a dia do terreiro podem ser feitas: atender os clientes, fazer *ebó*, uma limpeza ligeira... Mas os atabaques ficam enrolados no *alá* branco até completar o luto. Quando completa, a mãe de santo vai a todos os assentamentos dos santos da casa pedir as bênçãos e pedir que voltem para casa. Aí o terreiro volta ao normal.

Antes disso, é preciso fazer uma cerimônia para mandar o *vumbi* (a pessoa falecida) para o outro mundo. Essa cerimônia, que na nação ketu eles chamam de *axexê*, nós chamamos de *sirrum*. Eu digo que é algo que infelizmente temos que fazer, porque não foi a gente que inventou agora, isso já vem dos ancestrais, dos nossos antepassados, que nos ensinaram a fazer a cerimônia. Tem que fazer esse seguimento, essa cerimônia, na mesma proporção que na igreja católica tem a obrigação de mandar rezar a missa de sétimo dia. É uma obrigação muito triste, ainda mais porque todos têm que segurar a emoção das lembranças da pessoa falecida. É preciso muito cuidado na preparação dessa obrigação. E também na realização. Quem está dentro de casa não deve sair para a rua. Porque

é mais ou menos como quando se faz aniversário e se convida os amigos para virem na festa. Aí, os amigos convidam os amigos deles e assim por diante. No *sirrum* é a mesma coisa. A obrigação é para prestar uma homenagem à pessoa falecida. Claro que o *vumbi* vem acompanhado pelos mais velhos, pelos antepassados da casa, que vêm assistir à homenagem. Mas, junto com eles, podem vir aqueles que, em vida, foram muito desastrosos, tiveram seus problemas, foram embora antes da hora. Eles vêm e eles penetram. Por isso o cuidado que se tem. Se aquelas pessoas que estiverem na roda do *sirrum* não estiverem preparadas, todo mundo pintado com *pemba*, com suas contas; se a casa não estiver preparada, com toda a proteção nas entradas e nas saídas (para impedir que venha alguma coisa desagradável), pode haver problema. Mas, se estiver tudo bem preparado, não há problema não.

As crianças não devem vir ao *sirrum*, porque é uma obrigação forte demais para elas. Elas devem ficar dentro de casa, em silêncio: não pode conversar, ligar televisão, som, nada disso. Todos devem ficar quietos, com uma palha da costa amarrada. A porta não pode ficar aberta e não deve ser aberta mesmo se alguém bater. Porque não se sabe quem pode estar batendo.

Quando as pessoas que são videntes veem alguma coisa, elas devem falar com a mãe de santo ou com o pai-pequeno para que eles tomem as providências. Aí, só de olhar para a porta você pode ver uma pessoa conhecida. Os antigos, a mãe de santo, eles costumam ver. Porque pessoas antigas, falecidas há muitos anos, vêm para as pessoas verem. Se a pessoa realmente tiver mediunidade e tiver que ver, vê. Se não tiver que ver, não vê. Pode sentir a vibração, a emoção e não ver. Mas não pode ficar com medo e não pode tentar ir atrás. As pessoas de Cavungo, Matamba, Inkôssi, são muito importantes, porque esses santos vêm ajudar a controlar os *vumbi*. Principalmente Matamba, que na hora do quebra-quebra, sempre vem.

Não é uma coisa para se ter medo, ficar assombrado, pois é uma cerimônia como outra qualquer. É como um dia de festa de candomblé, quando vem todo mundo, todo mundo dança. A diferença é que estamos fazendo uma homenagem a nossos antepassados, aos ancestrais. As pessoas que pertencem à casa devem receber essa obrigação para poder ir embora sem problema, porque chegou a hora, Deus chamou. Então, temos que fazer as obrigações para elas poderem ser despachadas, se desprenderem e ir embora. Mas as pessoas de dentro têm que estar preparadas. Na hora dos pontos, elas têm que cantar alto, mais alto que os *vumbi*, porque eles também cantam lá fora e eles não podem cantar mais alto que os de dentro. Se cantarem mais alto, eles invadem e aí vão pegando aqueles que não estão preparados. Por isso, tem horas que quem é vidente, que vê e escuta os *vumbi*, grita:

– Vamos gente! Dança, toca, canta alto! Mais alto! Senão eles vão invadir!

Porque a voz dos *vumbi* quer ultrapassar a nossa, mas eles não podem suplantar a voz das pessoas de dentro. Em determinadas horas, tem um intervalo, três intervalos durante a noite para as pessoas tomarem água, fumarem, darem um gole de café, irem ao banheiro... Depois, voltam todos e começa novamente. Ninguém pode ir embora antes de acabar.

O toque é diferente, porque não se toca nos atabaques, mas nos potes e nas cabaças. E não se toca de mão, mas usando um abano. Se quebrar algum pote, tem que trocar imediatamente, pois não se pode parar de tocar. Aí, se canta e se toca, convidando os *vumbi* para virem e eles vêm todos. Eles ficam do lado de fora, olhando e escutando as cantigas que a gente canta para o falecido para saudá-lo. Depois, tem uma hora que a gente canta para afastar os *vumbi*, dizendo a eles para voltarem, para irem embora.

A última etapa é que é realmente a hora da tristeza maior dessa cerimônia. Nessa etapa, se canta chamando e depois se canta mandando embora de vez. E aí é preciso quebrar os objetos religiosos da pessoa falecida, colocar tudo dentro de um balaio e depois despachar esse balaio. É uma tristeza muito grande porque, quando a gente vê aquilo, a gente vê que nunca mais vai estar com a pessoa. Mas tem hora que dá para conversar com o *vumbi* e perguntar a ele se quer deixar alguma coisa de lembrança para alguém.

Tem também uma mesa onde a gente põe tudo aquilo que a pessoa comia: um pouco de cada coisa, principalmente o prato predileto dela, aquilo de que ela mais gostava. Quando chega a hora de finalizar, os *tatas* da casa pegam, amarram, ajeitam, cuidam e saem com o balaio com tudo dentro. Nessa hora, cantamos as cantigas para poder sair e, quando sai, sai de vez. É do mesmo jeito que se faz com o caixão: dá sete passos para frente, sete passos para trás, até dar um arranque e sair de vez, colocar dentro do carro para levar. Quando os *tatas* voltam, depois de despachar o balaio, já estão prontos os banhos. Quem ficou aqui já cuidou de limpar tudo, varrer o barracão, jogar a água. Então, quando os *tatas* voltam, já entram os atabaques e louvamos os *inquices*. Primeiro Inkôssi, depois o *xirê* todo.

Às vezes, quando não se faz a cerimônia completa, se faz uma mais simples que se chama “tirar o rastro” ou “apagar o rastro”. Mas, de todo jeito, tem as comidas, e se pede uma força para aquela pessoa; se pede que quebre o vínculo com as pessoas, com as coisas de que gosta. Aí então também se despacha as roupas da pessoa. Não pode jogar de qualquer maneira não, tem que ser direitinho.

Como eu disse, as pessoas videntes podem ver os *vumbi*. No enterro de mãe, Maria Augusta viu e começou a tremer e a gritar: “Eu tô vendo, eu tô vendo!”. No *sirrum* que minha avó fez para minha mãe, ela me chamou e disse:

– Venha cá, pra sua mãe lhe ver e lhe dizer que ela quer que você fique no cargo dela. Mas não fale com sua mãe. Ela vai falar com você!

Eu fui e vi. Então minha mãe me disse:

– Eu quero você! Se você não quiser, se você não aceitar, eu vou ficar vagando pelo mundo espiritual. Tenha fé em Deus, tenha fé em Zâmbi e tenha muita fé na dona da sua cabeça, porque você vai vencer. Eu não vou permitir que ninguém lhe derrube. Deus vai me dar esse consentimento; Zâmbi vai me dar esse consentimento; Zumbarandanda, Seu André, Inkôssi, todos vão me dar o consentimento pra ninguém lhe perturbar.

Depois, um dia que minha filha Nete estava ali, na lavanderia daquele patiozinho, lavando uns pratos, reparei que ela estava com um ar meio preocupado. Ela me chamou e gritou:

– Mãe, mãe! Olha vovó, olha vovó! – apontando para um lugar. – Olha ela ali, olha ela ali, olha vovó ali!

– Cadê, menina, cadê sua avó? Tá com coisa na cabeça, menina? – eu respondi.

Ela repetiu e, quando eu cheguei, minha mãe estava de fato de pé, dizendo a Nete:

– Diga a sua mãe que ela não fique assim, porque ninguém vai mexer com ela não. Eu não vou deixar ninguém mexer com ela. Diga a ela que tenha fé em Zâmbi e que tenha fé em Matamba, que é a dona da cabeça dela, porque ela vai vencer, ela vai tomar conta.

Quer dizer, essas coisas acontecem sim, as pessoas veem!



Assentamentos de Dandalunda, Matamba e Zumbarandanda.

O terreiro de Matamba Tombenci Neto



Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), com cerca de 13 anos de idade (1947).

Histórias de infância e de juventude

Como eu já contei, nasci dentro do candomblé, me criei dentro do candomblé e no candomblé eu estou. Foi uma infância toda vivida ao lado de minha mãe e meu pai, com muita gente dentro de casa. Convivi dentro do candomblé a minha vida toda, na convivência do santo, sempre aprendendo as coisas, porque eu sempre fui muito curiosa e sempre gostei muito do candomblé. A minha vida foi essa, ligada mesmo à religião do candomblé.

Isso não quer dizer que eu não gostava de outras coisas. Na minha juventude, teve muita coisa boa que passou e que hoje eu sinto saudades. Desde criança sempre fui muito festeira. Nunca fui de beber, não porque eu tenha algo contra quem bebe sua cervejinha, mas porque a minha natureza não dá

para beber. Eu tomo um copinho, tomo minha Malzebier, mas não sou assim de beber. Agora, festeira eu sempre fui. Na época do São João, meu padrinho de santo, Seu Massá, cuja *dijina* era Filencó, fazia uma grande fogueira e armava um bloco com as pessoas do bairro. Saíamos todos de tamanco e chapéu de palha. No dia de São João, saíamos de manhã e percorríamos os bairros daqui. Saíamos por aí cantando as músicas do São João e, quando chegávamos nas casas das pessoas, elas nos ofereciam bebida, amendoim, canjica, laranja, milho assado, licor. Íamos de uma casa para outra cantando:

– Adeus meu São João, adeus, adeus, você fica com saudade, quem vai-se embora sou eu.

Eu tenho muita saudade dessa época. E também do carnaval, porque eu sempre fui muito carnavalesca, e até hoje sou. Eu saía sempre no carnaval. Minha mãe também gostava de carnaval. Ela fez parte da primeira escola de samba de Ilhéus, a do finado Augustinho Fidélis. Minha mãe comandava a ala das baianas, que era formada por muitas filhas de santo dela. Eu saí na escola de samba do Oiteiro de São Sebastião, a Vermelho e Branco, do finado Mundinho; e já saí também na Verde e Branco. Já participei do bloco Última Hora, que minha tia botava. Eu saía de porta-estandarte nesse bloco. Chamava Última Hora porque pegava tudo de última hora.

Tinha o bloco do meu tio, o Pele Vermelha, onde eu também saía, porque um era de manhã e o outro era de tarde. Tinha o Aruanda, da finada Miquita e de Seu Demétrio, que ensaiava no barracão da minha mãe. Depois vieram os blocos mais novos, e eu saía no x-9, no Mangueira em Férias... Quer dizer, a gente já fazia o movimento negro sem saber que estava fazendo. Depois é que chegaram o Axé Odara, o Leguedepá, o Miny Kongo e o nosso bloco, o Dilazenze. Mas essa é outra história.

Essas são coisas que eu relembro com muita saudade. Eu fui muito pagodeira e até hoje gosto de pagode; mas também gosto de música lenta, depende do momento. Já curti muito a minha vida e na minha juventude sempre tive o apoio da minha mãe. Depois, casei, e aí, com marido e filhos, é mais difícil. Mas depois que minha mãe faleceu e que eu me separei do meu marido, voltei à minha vida normal. Sou humana, sou gente como qualquer um. Na hora de sair para brincar, primeiro eu fazia as minhas obrigações, fechava o quarto de santo; deixava tudo fechadinho e ia fazer minhas brincadeiras junto com meus filhos, minhas noras, meus genros. Passava o carnaval, todo mundo tomava seus banhos de *abô*, de *amansi*, e aí voltava o cotidiano de novo. Nunca deixei de fazer minhas obrigações, e fui até criticada por alguns. Hoje, os que me criticavam estão fazendo a mesma coisa que eu fiz: sair em carro alegórico, ter bloco afro dentro do terreiro... Porque hoje todo mundo sabe que é uma coisa da cul-

tura. Então, quando eu fazia, eu não estava saindo do meu meio, estava fazendo o movimento negro sem saber, e hoje todo mundo está fazendo.

E hoje eu recordo isso com alegria, porque minha mãe me deu muito apoio. Ela dizia que se eu gostava, eu tinha que fazer o que gostava. Sempre me deu apoio, sempre dizia para o meu marido que eu era daquele jeito desde menina, muito festeira, que ele tinha que deixar eu brincar. Minha mãe cansou de dar dinheiro para alugar um caminhão que nos levava para fazermos piquenique lá em Olivença. Então, a minha infância, a minha juventude, foram assim, muito boas, muito felizes.

História da feitura

Foi também na minha infância que eu fui iniciada no candomblé. Como eu contei, alguns meses depois que minha mãe já estava pronta, o meu barco foi recolhido. Além da finada Ambrosina, aquela moça que minha mãe criava, que era de Cavungo e tinha a *dijina* Catuiá, éramos eu e minhas irmãs Irani (Luanda), Irene ou “Preta” (Calembá), Ilzete ou “Dunha” (Guialêmbi) e eu, Hilsa (Mukalê). Nós entramos na camarinha no dia 27 de junho de 1946, quando eu tinha doze anos de idade. Nós ficamos quase quatro meses recolhidas. Naquele tempo, o recolhimento era uma coisa muito dura. Como nós éramos pequenas, sofremos bastante. Preta tinha quinze anos; Luanda, três; e Dunha só tinha dois anos...

A nossa saída aconteceu no dia 6 de outubro de 1946, quando nós demos o nome do santo. Dunha e Luanda eram tão pequenas que quem gritou o nome dos santos delas foram duas *cotas* mais velhas, por quem os *inquices* delas passaram. Pouco tempo depois, em novembro, nós fomos tirar o *quelê* em Salvador. O *quelê* é uma voltinha de conta que se usa quando se faz o santo. A cor depende de qual seja o santo da pessoa e é só depois de três meses de feitura que se arria o *quelê*. É uma proteção que as pessoas que acabaram de fazer o santo têm que usar para evitar problemas. Fomos eu, minhas irmãs e a menina que minha mãe criava, que foi do nosso barco. Fomos de navio e embarcamos no dia 14 de novembro de 1946 e ficamos em Salvador até fevereiro. Naquela época, havia os paquetes, mas nós fomos de terceira classe num iate. Minha mãe e meu pai conheciam bem o pessoal do iate Itabuna e do outro iate. Minha mãe mandou uma bagagem imensa, arrumou nossa roupa toda em uma mala de tipo baú.

Em Salvador, ficamos sozinhas, longe de meu pai e minha mãe, e não fomos muito bem tratadas não. Às vezes éramos castigadas, ficávamos com a saia suja, molhada, comíamos pouco. De quinze em quinze dias, mãe mandava nossa roupa, mandava comida: carne, jaca, banana, feijão... Mas, quando as coisas chegavam, minha mãe de santo distribuía os mantimentos para as pessoas

da comunidade e nós ficávamos com fome. Quando chegávamos num chafariz para apanhar água, as pessoas perguntavam por que nossos pais deixavam a gente sozinha lá. Eu era a única que, às vezes, reclamava e, aí, minha mãe de santo brigava comigo.

Até que chegou um dia em que eu fiquei tão desesperada que fugi para a rua, onde encontrei um carteiro e pedi ajuda a ele. Disse que eu era filha de santo e o que estava acontecendo comigo e com minhas irmãs. Disse que meu pai e minha mãe moravam em Ilhéus e dei a ele nosso endereço e o nome de meu pai. Ele tomou nota de tudo, do meu nome também, e, no mesmo dia, mandou uma carta para pai contando tudo. Voltei para o terreiro e contei o que tinha feito. Mas ninguém imaginava que pai realmente iria lá nos buscar. E o pior é que fomos levadas para uma roça, longe de onde estávamos. Nem eu sabia se pai ia nos encontrar. Nessa roça, os mosquitos picavam a gente e ficávamos cobertas de perebas. As vizinhas tinham pena e nos davam banhos para curar as feridas.

Um dia, lá para meia-noite, ouvi uma conversa e imaginei que fosse meu pai. E realmente eram meu pai e minha mãe. Eles entraram e disseram que tinham ido nos buscar. Minha mãe de santo disse que ainda era preciso esperar para tirar o *quelê*, mas pai disse que nós íamos de qualquer jeito, que íamos tirar o *quelê* em casa, porque não era possível deixar crianças naquele estado. Pai, então, tirou as passagens e nós fomos para o cais embarcar.

Quando chegamos no cais, o dia estava lindo. Mas, quando embarcamos e o iate saiu da barra, de repente, se formou uma tempestade. Acho que é por isso que até hoje tenho um pouco de medo do mar. A tempestade pegou o navio, que ficou parecendo um barquinho de papel. As cadeiras espreguiçadeiras, que ficavam na terceira classe, escorregavam; o mar subia e descia; a água entrava e nos molhava. Mãe começou a rezar e o capitão resolveu voltar com o barco para ele não afundar. Quando chegamos de volta, mãe saiu para comprar alguma comida e nós trocamos de roupa. Antigamente, no cais de Salvador, muitas filhas de santo trabalhavam vendendo comida. Uma delas olhou para mãe e perguntou de onde estávamos vindo. Mãe contou e a mulher se assustou; disse a ela para comprar uns quiabos, porque ela ia ensinar a fazer uma coisa para que chegássemos bem a Ilhéus. Mãe comprou os quiabos e foi para a barraca da mulher, que preparou um *amalá* para Zaze, que, junto com pai e mãe, ela levou a uma pedreira. Mandou mãe rezar com a gente e bater a cabeça no chão para seguirmos viagem. E nos fez prometer que, quando chegássemos em Ilhéus, iríamos diretamente na Igreja de Nossa Senhora da Vitória, na Igreja de São Sebastião e na Igreja de São Jorge para pagar a promessa. Quando saímos, ela pediu que Zumbarandanda nos abençoasse e mãe respondeu que seríamos abençoados sim.



Dona Roxa (Mameto Bandanelunga), vestida com as roupas de Zumbarandanda; Calembé e Dona Hilsa (Mameto Mukalê, grávida).

Mas a viagem foi muito difícil, com tempestade o tempo todo. Foi tudo doloroso. Só perto de Ilhéus, já na Baía do Pontal, é que o sol voltou a brilhar. Quando descemos, fomos diretamente para a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, depois para a Igreja de São Sebastião e depois para a Igreja de São Jorge. Depois viemos para casa e ficamos nos perguntando o que fazer. Porque a gente ainda estava com o *quelê*.

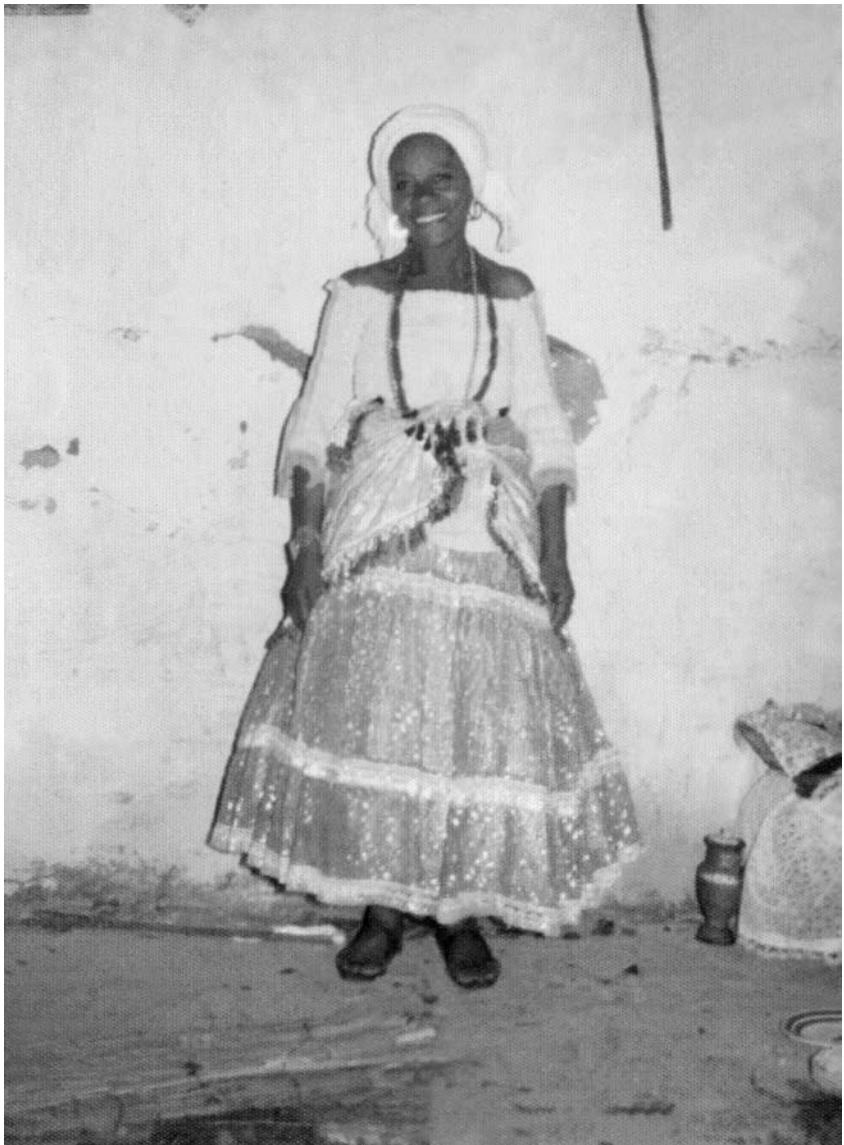
Aí, Seu André pegou minha mãe e disse para todo mundo que era ele que ia tirar nosso *quelê*; e que se ele não viesse, viria Mutalambô. Mas Seu André veio e arriou todas as oferendas para todos os santos, pedindo licença. Arriou oferenda para Nosso Pai Zaze e arriou nosso *quelê*. Depois, ele deu passagem a Mutalambô e tirou nosso *quelê*. E depois de Mutalambô, veio Zumbarelandanda. Nossa sorte foi a força que nossa família tinha desde o tempo da minha avó e do meu tio; a força dos *injuices* e dos caboclos da minha mãe. E ficou tudo bem com a gente.



Festa de Inkôssi: Lourdes, Nelzira, Marinalva, Maria Augusta, Conceição, Dete, Elba, Cleuza.

História de Mukalê

Desde pequena, então, eu gostava da religião do candomblé. Para mim não foi difícil abraçar com muito calor essa minha trajetória. Comecei com minha mãe ainda criança e, depois, chegou a época em que eu fui fazer minhas obrigações. Nossa mãe de santo veio de Salvador e ficou uns dois anos aqui para fazer as obrigações da família toda.



Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), grávida, em torno de 1970.

Cumpri minhas obrigações de um ano, três, cinco e sete anos. Minha mãe me escolheu, então, para ser a mãe-pequena dela, quer dizer, a segunda pessoa dela. Eu e Natalice (Guiassamba, de Dandalunda), *macota* de Zumbarandanda, realmente segurávamos o bastão junto com ela. Natalice era responsável pelo quarto de santo, tomava conta de tudo com mais duas filhas de santo. Eu tomava conta mais da comida do santo e da camarinha. Mais tarde, a esposa de meu irmão Vivaldo (Cajiritó), Edimeia (que é de Matamba e tem como *dijina* Mutassicongo), foi suspensa como *macota* de Zumbarandanda e passou a ajudar Natalice.

Até hoje minha devoção é de segunda a segunda. Segunda-feira é o dia que eu tiro para as minhas orações maiores, mas todos os dias eu faço minhas orações. Todos os dias! Lá dentro tem nosso quarto de santo e esse quarto é uma relíquia. É lá que rezo todos os dias por todas as pessoas da família, por todos os filhos e filhas de santo do terreiro, por todos aqueles que deram obrigações aqui, por todos aqueles que já passaram por aqui, por todos aqueles que já nos ajudaram de alguma forma.

Voltando à nossa história, o que eu não sabia é que desde a minha feitura de santo, minha mãe havia pedido à minha avó Massu que fizesse uma obrigação suspendendo a minha santa. Isso para que eu pudesse ser a mãe-pequena do terreiro e para que, quando os *inquices* e os caboclos da minha mãe pegassem ela, eu pudesse ficar tomando conta de tudo. Então, minha avó Massu fez com que a minha santa parasse de vir para que eu pudesse tomar conta das coisas quando minha mãe estava com os *inquices* dela. Se ela e eu virássemos no santo juntas, não tinha quem tomasse conta da casa. E minha própria santa passava pela minha mãe: ela recebia minha santa no meu lugar.

Quando minha mãe faleceu e eu assumi o terreiro – que é uma história que eu já vou contar —, era preciso que minha santa voltasse a se manifestar em mim. Minha avó Massu preparou, então, uma obrigação para fazer isso. Ela trouxe vários *tatas* de Salvador, entre eles Seu Manuel (Deuandalá), que era de Gongombira. Ele veio exclusivamente para tocar o *rum*, o tambor maior, para poder chamar minha santa de volta. Antes da cerimônia do meu *saca-funã*, teve os dias para cantar para minha santa voltar. Mas foi difícil, porque ela não estava vindo. Tocaram durante sete dias; todo dia de noite tinha um toque. Mas, na concepção da minha avó Massu e de Seu Manuel, não era para levar isso tudo não. Ele era famoso por tocar para fazer os santos virem. Mas comigo foi muito difícil. Ele tocava barravento para eu dançar e nós íamos para a roda: eu, minhas irmãs e a finada Dolores, Nabulenganga, que foi a primeira filha de santo de mãe. Às vezes entravam as finadas Matilde (Muianganguê, de Matamba) e Lurdes (Catulemã, de Cavungo), que só faltava se acabar:

– Meu Deus, Mukalê não vai aguentar mais isso meu pai! Tira Mukalê daí, por favor!

– E quem é doido de puxar Mukalê de lá? – ele respondia.

– Meu Deus do céu, vou sair daqui, que eu não aguento mais ver uma coisa dessas. A criatura já está se acabando de tanto barravento.

Dolores também não aguentava e saía atrás, correndo; não dançava mais. O homem, que já tinha tocado no sábado, tocou no domingo e disse que tinha que resolver o caso nesse dia, porque na segunda-feira de noite ele tinha que viajar. Ele tocou, tocou; minha avó Massu cantou, cantou; e era barravento, barravento, barravento, um atrás do outro. Já tinha até acabado o repertório de barravento e nada da santa vir. E eu morta de cansaço. Minha avó disse, então, que íamos parar para continuar no dia seguinte. Ele respondeu:

– Não é possível, Massu, que eu, um *tata* de não sei quantos anos de feito, acostumado a derrubar gente pra bolar e pra fazer santo voltar, vá sair decepcionado daqui. Por que essa santa não responde? O que está havendo?

– Olha, acontece que a santa não respondeu agora, entendeu? – minha avó Massu respondeu.

Ele não se deu por satisfeito, levantou e foi falar comigo, perguntando o que estava acontecendo. Até aí, eu estava calada, porque eu não ia falar antes da minha mãe de santo. Mas aí eu disse:

– Meu *tata*, *agô*, *malembe*, mas eu não vou dar um santo de mentira. Eu não vou fazer que estou manifestada sem estar. Eu não sei o que está havendo. Minha mãe de santo é minha mãe de santo e é ela quem sabe, não sou eu. Não sou eu que estou fazendo o senhor ter essa decepção, que eu nem sei se é decepção ou se é a hora que não foi chegada. O que é que eu posso fazer, pelo amor de Deus?

Ele foi embora aborrecido, saiu daqui chateado. Foi embora dizendo que nunca tinha havido uma coisa dessas na vida dele. Era segunda-feira e estavam se completando os sete dias. Minha avó Massu mandou, então, fazer um tabuleiro de *doboru* (pipoca) para distribuir. Vó (Monatumbeleza), do barco de minha mãe, veio e abriu a casa. Aí cantou para Cavungo, e o Cavungo dela era o padrinho do meu barco. Ela pegou o tabuleiro e sentou. Cavungo veio, distribuíram as pipocas, jogamos em cima dele. Aí, ele deu o *ilá* (grito de santo) dele, tudo direitinho. Minha mãe de santo começou a cantar de novo as cantigas e mandou eu dançar. Eu fui dançar e dancei, dancei e dancei os barraventos todos. E Cavungo ali. Aí minha mãe de santo me levou aos pés dele e ele me deu banho de pipoca três vezes, mandando continuar a dançar. Já eram os *tatas* da casa que estavam nos *ngoma* (tambores). Acho que era Cajiritó quem estava no *rum*. Eu

continuei dançando, dançando e dançando. Tomando barravento, cruzando o barracão... Eu me lembro até da hora em que tomei um barravento, vim junto da minha avó e aquilo me pegou, me jogou lá para a frente. Quando eu cheguei lá na frente, tive a oportunidade de ver minha mãe Roxa e minha santa. Aí, tomei aquele barravento, cheguei lá e voltei para cá, virei para lá, virei para o couro, cheguei aqui, tomei outro barravento, virei e, quando cheguei na frente daquela porta, vi minha mãe Roxa acenando. E minha avó Massu cantou:

– *Orixaxá que relampoê, orererê que relampoá. Orixaxá que relampoê, ô Matamba venha me valer.*

Quando ela fez isso, eu não vi mais nada. Acho que foi ela que deu a ordem para eu ir lá. Depois, me contaram que eu corrupeiei, cheguei, voltei, cheguei na frente do *rum*, e que Matamba veio bem na frente do Cavungo de Vó. Quer dizer, foi ele que veio trazer a minha santa de volta.

E Seu Manuel querendo que eu desse santo para continuar a fama dele! Eu disse que não ia fingir que estava de santo e foi só depois que ela veio. Aí, virou todo o mundo no santo. Fazia vinte e dois anos que meu pai Zaze não descia em minha avó, mas ela foi a primeira que virou no santo. Todo mundo virou: os grandes que estavam aqui, as *cotas* velhas, outras velhas no santo, todo mundo de casa, os mais velhos que viravam no santo, o barco todo de minha mãe: Cajiberu, Nbulenganga, a finada Matilde, todo mundo virou no santo. Dos grandes aos pequenininhos. E os outros desaguaram no choro. Os *tatas* da casa, todo mundo chorando, aquela emoção. Foi uma cerimônia muito fina, de muito fundamento, até a mãe de santo virou no santo.

Foi Cavungo que veio trazer a minha santa. Por isso digo que o *quequê* que eu tenho com esse santo tem a ver. Foi ele que veio trazer a santa para mim. E virou todo mundo. Dizem que meu pai Zaze se abraçou com a minha santa e que todos os *inquices* velhos vieram se abraçar com ela. Dizem que Zaze tirou uma *zuela* que eu sempre tiro também. E que dançou com ela e os outros santos que estavam lá. Depois, ele cantou uma *zuela* que tem uma história de um pássaro: quando se tira essa *zuela*, Matamba e Zaze dançam com um passo todo especial. Depois, dizem que ele cantou umas cantigas para Cavungo, tocou o *apanijé*, louvou todos os santos que estavam na sala e cantou uma *zuela* para ir embora. Aí foi todo mundo e os mais velhos levaram a minha santa. Foi nesse dia que a minha santa voltou para mim e começou a descer em mim de novo. Depois, pudemos entrar nos fundamentos para a cerimônia do meu *sacafunã*.



Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê) recebendo seu sacafunã de Dona Massu (Mamento Quizunguirá) e virando no santo com sua Matamba (1975).

História do anúncio

A história de como me tornei *nêngua de inquice*, mãe de santo, é uma história muito longa. Quando eu fiz o santo, menina ainda, minha mãe já tinha feito um trato com minha avó Massu. Esse trato é que, quando ela ficasse velha ou viesse a falecer, o cargo deveria ser meu. Infelizmente, Deus a chamou quando ela ainda era nova. E foi só quando minha avó Massu veio para as obrigações dela que esse segredo que havia entre as duas foi revelado.

Como eu já expliquei, quando falece uma mãe de santo, um terreiro de *candóblé* tem que fazer pelo menos um ano de luto. Quando minha mãe faleceu, nós ficamos mais de um ano em luto para a nossa mãe de santo poder vir fazer todas as obrigações. Primeiro, foi preciso bater o *sirrum* da minha mãe; depois, dar comida a Bombojira e a todos os santos da casa.

Nessa época, todo mundo ficava cogitando que poderia ser eu a nova mãe de santo, mas eu dizia que havia outras pessoas: minha irmã Preta, que é de Lembá; Monatumbeza, que foi do barco de minha mãe; minha irmã Luanda, que foi a *dofona* do meu barco, a que saiu primeiro... Mas todo mundo dizia que tinha que ser eu, porque eu era o mesmo que minha mãe, porque eu já trabalhava com ela. Não só os clientes, como a maioria dos filhos de santo diziam isso. Até minha irmã Luanda dizia que era para mim porque eu já tinha o costume. Meus outros irmãos diziam também:

– É Hilsa! Porque Hilsa se dedica mais!

No dia em que minha mãe de santo foi desvendar esse segredo, ela reuniu as pessoas mais velhas da casa, os *tatas* mais velhos, as *macotas* e a família e fez uma reunião. Antes, mandou que todo mundo tomasse banho de *amansi*. Aí jogou os búzios vinte e uma vezes e, cada vez que jogava, ela olhava para mim. Eu fui ficando desconfiada e pensando por que aquela mulher tanto me olhava. Quando chegou na penúltima vez, um dos búzios bateu, caiu no chão, foi rolando e parou na minha frente. Depois da última jogada, ela disse:

– Gente, agora eu vou apresentar a vocês quem vai ser a sucessora de Bandanelunga; quem vai tomar conta dessa casa; quem vai segurar esse leme. Vou contar um segredo de muitos e muitos anos. Porque Roxa deixou esses filhos todos, os homens e as mulheres, mas sempre tem um que é mais chegado pra coisa. E foi realmente essa pessoa que foi escolhida por ela pra tomar conta das obrigações, sentar na cadeira e tocar a vida pra frente. Agora eu vou revelar para vocês quem é esta pessoa.

Todo mundo estava curioso para saber quem era e quem não era, e ela, aí, contou a história, contou que minha mãe tinha pedido para me passar o cargo quando Deus a chamasse. Minha avó contou que, no *sirrum* de minha mãe,

havia conversado com ela e que ela respondera novamente que queria que eu tomasse conta – e respondera para eu ouvir! Mas eu ainda não sabia porque eu pensava que eu podia continuar como mãe-pequena e outra pessoa assumir o cargo. Minha avó Massu, então, levantou e mandou que todo mundo ficasse de pé. Eu já estava meio bamba e quase não aguentava ficar em pé. Ela gritou:

– Olha, quem vai segurar o leme do Tombenci, quem vai ser a sucessora de Bandanelunga é Mameto Mukalê!

Eu dei uma crise. Todo mundo, meus irmãos, minhas irmãs, pulando e gritando de alegria, e eu me acabando de chorar. Eu tremia feito uma vara verde, feito aqueles coqueiros no meio da praia, para lá e para cá. Fiquei assim mesmo e acabei caindo no chão. Minha avó mandou que eu levantasse e chegasse perto dela. Eu disse a ela:

– Minha avó, pelo amor de Deus, não faça isso comigo. Pelo bem que a senhora quer a todos os seus filhos de santo. Pelo amor de Deus!

– Nessa hora, nem minha mãe Maria Neném vai te acudir, minha filha. Quando uma pessoa dá uma coisa em vida e depois da morte continua afirmando, não tem jeito. É você e acabou!” – ela respondeu.

Tive uma crise de choro porque eu achava que não podia tomar conta do terreiro. Não é que eu não quisesse assumir o cargo, mas porque, para mim, minha mãe era primeira sem segunda. Eu achava que era responsabilidade demais. Eu estava casada, com um monte de filhos, com minha filha mais nova recém-nascida...

Mas minha avó disse que não tinha jeito, que era eu mesmo. Que Matamba ia vir, ia descer na minha cabeça e ia tirar o ministério da casa, ela é que ia escolher esse ministério. Depois, mandou que eu batesse cabeça e desse bênção. Tomei bênção a ela, a meu pai, a tio Eutique, tio Esmeraldo, meu padrinho Massá, todos os mais velhos. Troquei bênção com minhas irmãs e com meu irmão Cajiritó. Aí, fui fazer as obrigações de fundamento para receber o *sacafunã*.

Antes disso, minha avó Massu tornou a fazer uma obrigação, pequena, para a minha mãe. Já tínhamos feito o *sirrum*, mas ela resolveu fazer as oferendas da cerimônia da mesa. Nessa cerimônia, ela me disse que ia por minha mãe para falar comigo. Ela me levou, com pai e José, meu marido, até a porta. Lá, ela começou a virar a língua para falar com *vumbi* e disse:

– Olhe bem firme para a porta e me diga o que é que você está vendo.

– Estou vendo minha mãe – respondi.

Eu fui para cima dela, porque eu queria dar um abraço. Mas minha mãe fez um sinal e minha avó me segurou, dizendo:

– Não! Você não pode ir. Ela não pode tocar em você. Ela só vai lhe dizer uma coisa para você não pensar que sou eu que estou inventando essa história toda.

Aí minha mãe falou:

– Olha, minha filha, minha mãe Massu já contou a história pra você. É tudo verdade. Eu não quero ninguém a não ser você. Se você não receber o *sacafunã* e sentar na cadeira, se você não tomar conta, eu vou ficar vagando pelo resto da vida espiritual. Eu só quero você. Essa estrada é muito longa e nela vai haver flores e espinhos. E vai haver mais espinhos do que flores. Mas, no final dessa estrada, você vai encontrar a bonança. Não financeira, mas espiritual. E você vai fazer isso junto com seus filhos. Você sempre dizia que só tinha filhos homens e que queria mulheres. Mas se Deus só estava te dando homens, é porque são eles que vão servir pra você agora. Eles vão ser os seus guardiões. As filhas serão as suas enfermeiras pra amenizar suas dores nas horas de necessidade. Confie em Zâmbi; confie em Mameto Zubarandanda; em Seu André Caitumba; em Seu Agué; em Roxo Mucumbo, que foi o santo que meu irmão Euzébio deixou pra mim; em Seu Ouro Preto, o caboclo dele; confie em Zaze; confie em nosso pai Cavungo e em Inkôssi do Cariri – e foi falando o nome dos santos antigos todos. – E confie na dona da sua cabeça; confie em Inkôssi, que é a espada que vai te segurar. Muita gente vai querer lhe derrubar e atravessar porque como eu não estou mais aqui, eles vão achar que vai ser mais fácil. Você vai me prometer que você vai ser forte e não vai se deixar cair nem levar por nada. Porque eu estou aqui pra te ajudar. Deus, Zâmbi, vai me dar o consentimento pra eu poder te ajudar. Não vou deixar ninguém te engolir nem atravessar você antes da hora.

Nisso eu já estava desabando, chorando, chorando. Ela continuou:

– Não chore! Levante a sua cabeça. Não chore pra não me atrapalhar porque eu preciso te ajudar.

Minha avó virou para mim e disse:

– Tá vendo? Isso é pra você não dizer depois que é porque eu quero, que fui eu que escolhi Mukalê, que fui eu que obriguei Mukalê a ser mãe de santo. Porque você está ouvindo, não é? Ela está *zuelando* pra vocês.

Nessa altura, meu pai estava chorando muito, coitado, se acabando de chorar. Meu pai e eu estávamos vendo minha mãe, mas José não via, só ouvia. Eu disse:

– Tá bom, minha mãe, eu prometo à senhora que, custe o que custar, eu vou tomar conta. Eu não sei como, mãe, mas eu vou tomar conta. A senhora tem que me ajudar. Zubarandanda tem que me ajudar porque eu não sei como vou fazer. Como é que eu vou fazer sem a senhora? Como é que eu vou enfrentar esse barracão sem a senhora?



Matamba de Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê) na entrega de seu sacafunã (1975).

– Você vai enfrentar, sim. Você tem capacidade pra isso. Porque durante toda a vida você aguentou junto de mim. Até nas compras das roupas, eu só confiava em você. Comida de santo, então! E eu nunca botei alguém pra abrir meu candomblé que não fosse você. Tudo isso você fazia, não fazia? Portanto, minha filha, é você. As outras vão te ajudar, se quiserem ficar. Mas você tem que me prometer.

Eu prometi a ela e ela finalizou, dizendo que “agora eu preciso ir que a hora já está chegada”. Aí Seu André apareceu do lado dela, Inkôssi do outro lado e Mutalambô. Minha avó trocou língua com ela de novo e ela subiu. Só aí fomos cuidar das obrigações do meu *sacafunã*.

E foi aí que começou mesmo a minha trajetória, que não foi fácil. Se eu fosse uma pessoa fraca, acho que não teria aguentado. Eu até tive alguns momentos de fraqueza, mas depois refleti e superei. Eu nem gosto de recordar! E às vezes eu até gosto. Porque hoje eu dou graças a Zâmbi e a todos os *inquices* por estar aqui contando essa história.

História da sucessão



José Miguel dos Santos (Tata Quinamburê); Matamba de Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê); Catandê de Luanda; Dandalunda de Therezinha; José Nilson (1976).

O primeiro problema que enfrentei foi com meu marido, José Miguel dos Santos. Ele é *tata* de Zumbarandanda, filho de Inkôssi, e a *dijina* dele é Quinamburê. Nós vivemos vinte e três anos casados e tivemos quatorze filhos. Mas ele era muito ciumento. Desde nosso noivado e do começo do nosso casamento que ele ciumenta demais. Ciumenta dos *tatas* da casa, de todo mundo. Então, quando foi confirmado que eu seria a sucessora da minha mãe, ele não aceitou. Disse que não queria que eu aceitasse o cargo e que eu tinha que escolher entre o terreiro e ele. Ele aceitava que eu fosse mãe-pequena, mas não que eu fosse a mãe de santo. Para mim, era muito difícil, com aquele monte de filhos para criar, com uma recém-nascida, e porque era ele quem trazia dinheiro para dentro de casa.

Ele viajava muito porque era estivador e em qualquer lugar podia trabalhar. Cada vez que viajava, me dizia que quando voltasse queria uma resposta. Enquanto isso eu fui secando, fui ficando magérrima. Tinha dia que eu amanhecia no passeio, porque todo mundo ia dormir, eu sentava na porta e não tinha sono. Ficava sentada na porta sem saber o que ia fazer, o que ia dizer para José quando ele voltasse. Para ocupar meu tempo, eu entrava e vinha fazer o café e o almoço do dia seguinte. Quando o povo acordava de manhã, já estava tudo

pronto. Eu não comia, não tinha fome, só bebia muito líquido, muito leite, água de coco... Mas não tinha fome para comer, comia uma fruta, uma coisa assim, mas não tinha fome.

Cada vez que eu virava no santo, na cabocla, para fazer as consultas, quando eu estava me concentrando, José chegava, empurrava a porta do quarto de santo e acabava com a minha concentração. Ele afugentava os clientes e eu não conseguia ganhar nenhum dinheiro. Pai dizia a ele que não tinha aposentadoria e que as economias de mãe já tinham acabado. E que ele afugentava os clientes porque, quando sabia que quem estava na consulta era um homem – tanto faz se fosse velho ou novo —, ele ficava na sala andando de um lado para o outro, fazendo barulho com a garganta para eu saber que ele estava lá. Isso acabava com a minha concentração e eu perdia o cliente.

Quando eu dava festa, ele chegava no meio e tomava muita cerveja. Se quando terminava a festa uma mulher me elogiava, dizendo que eu estava igual à minha mãe, que a festa tinha sido uma beleza, ele não ligava. Mas, se fosse homem, Ave Maria! Ele já levantava e agarrava a pessoa, dizendo que quem podia me dizer isso era ele, que era meu marido, mais ninguém. E empurrava a pessoa. Eu morria de vergonha, procurava terra nos meus pés e não achava. Meu pai ficava olhando e dizia a ele:

– Rapaz, você tá doido? Você quer desmoralizar o terreiro? O que você está fazendo?

Ele afugentou muita gente. Algumas pessoas encontravam pai antes de uma festa e diziam a ele que não iriam ao terreiro porque o marido de Hilsa estava fazendo feio, dando vergonha a ela. Logo ela que estava levando tudo direitinho. Preferiam não ir para não ver aquelas coisas.

Às vezes ele dizia que aceitava que eu assumisse o cargo, mas desde que eu só trabalhasse para mulher e criança, nunca para homem. Eu disse a ele:

– Mas, meu Deus, como é que numa casa de candomblé eu vou dizer que só trabalho pra mulher e criança?! Existe isso?!

Quando eu contei isso a pai, ele disse:

– Diga a José que ele tome vergonha, que você não vai fazer uma coisa dessas. Porque eu trabalhei com sua mãe aqui durante tantos anos e nunca desconfeiei dela. Será que ele não confia na mulher que tem?

Quando minha avó Massu soube o que José estava dizendo, mandou chamar ele para conversar:

– Que negócio é esse? Você por acaso já viu na porta do barracão que Roxa só trabalhava pra criança e mulher? Você já viu Valentim fazer algum espetáculo porque Roxa estava atendendo um homem? Por que você está fazendo isso?

– É porque ela é muito nova. A casa está sempre cheia e quando ela olha as pessoas, já está sorrindo – ele respondeu.

– E você quer o quê? – disse minha avó. Que ela olhe pras pessoas fazendo careta?

– Não tem jeito. Eu disse a ela e estou dizendo à senhora que, se ela tomar conta, vai ficar sozinha.

– Aí então é com vocês dois, ela que sabe. Mas ela viu o que a mãe dela disse: que se ela não tomar conta, sua mãe vai ficar vagando pro resto da vida. Será que ela vai querer ver a mãe pedindo misericórdia numa casa de condomblé, o povo vendo ela aparecer aqui e ali? Agora então é com ela!

Aquilo me levou à loucura. Foram tantas decepções que cheguei a pensar em fazer uma bobagem. Uma vez, desci por aí sem saber bem o que ia fazer, mas aí minha santa me pegou e, quando eu acordei, eu estava no quarto do santo. Perguntei o que tinha havido e me contaram que Mameto Matamba tinha avisado que era para prestar atenção, porque ela estava tomando conta de mim, mas as pessoas também tinham que ajudar.

De outra vez, eu cheguei a ir até a Praia do Marciano, pensando em entrar na água. E como eu não sei nadar... Quando eu entrei na água, não vi mais nada, porque minha *vunji*, Rosa dos Ventos, me pegou e, como ela tem pavor de água, me tirou de lá e me trouxe de volta para o terreiro. Quando eu cheguei aqui, estava toda molhada e tremendo. Rosinha contou, então, que eu tinha ido para Calunga grande e que Mameto Matamba tinha me tirado de lá e chamado ela para me trazer.

Eu fiz essas besteiras. Mas depois eu fiquei pensando onde é que eu estava com a cabeça, com tudo o que minha mãe tinha me dito e eu fazendo aquelas bobagens! Aí decidi que nunca mais ia fazer nada disso; que quando José viesse de novo me cobrar uma decisão, eu já teria a resposta para ele. Que custasse o que custasse, mesmo que eu morresse de fome, eu ia dizer a ele que ia ficar com o barracão.

Quando ele chegou e perguntou com quem eu ia ficar, com ele ou com o barracão, eu respondi:

– Vou ficar com o terreiro de minha mãe, é claro.

– O que você está dizendo? – ele perguntou.

– Isso que você tá ouvindo. Minha mãe de santo já te falou que se eu não tomar conta, a primeira coisa que vou ver cair é a cumeeira do barracão. E quando essa cumeeira cair, ela disse que o primeiro que vai morrer é meu pai e, depois, as filhas de santo e todos os mais velhos da casa. Você acha mesmo que eu vou segurar isso nas minhas costas? Ouvindo o que minha avó me disse, você

acha que eu vou ver meu pai morrer? Eu vou morrer também. Vinte e três anos vamos completar de casados e parece que você não me conhece! Eu já te desrespeitei alguma vez? Quando minha mãe tocava, eu tomava conta de tudo junto com ela, mas deixava de cumprir com as minhas obrigações de dona de casa? Eu cuidava de tudo quando você estava trabalhando e, quando você chegava, encontrava tudo arrumado, a mesa posta, tudo direitinho. Então, pelo amor de Deus, o que é que passa pela sua cabeça?

– Não sei, só sei que não quero e não quero.

– Mas eu tomei minha decisão. Eu vou ficar com o terreiro da minha mãe. Eu não quero ver minha mãe vagando por aí, com as pessoas vendo ela num candomblé qualquer, sabendo que ela estava lá do lado de fora porque a filha não quis fazer o certo por causa do orgulho do marido. Se alguém tem que sofrer, sofra você sozinho, porque eu não vou sofrer mais não. Chega de sofrimento pra mim.

Ele chamou os meninos e disse:

– Eu estou indo embora de vez porque sua mãe disse que vai tomar conta do barracão e eu não quero. Ela não quer ficar como mãe-pequena e eu vou embora e vou tirar tudo dela. Não vou deixar nada. Ela que dê um jeito de sobreviver.

– Tudo bem – eu respondi. – Eu sou casada com você civilmente. Mas se você não vai deixar nada, o que é eu vou fazer? Vou entregar a Deus e ao Tempo. Eles vão resolver e vão dar um jeito de eu não morrer de fome.

Ele pegou Bel, que tinha dois anos, no colo e disse aos meninos:

– Vocês vão se arrumar, pegar as coisas de vocês porque vocês vão todos comigo.

– Mas a gente não vai com o senhor não – eles responderam. – A gente vai ficar com nossa mãe.

Ele se espantou. Porque uma coisa que deve ser dita é que ele era um pai muito bom. Tudo o que fazia era pensando nos filhos. Eles estudavam nos melhores colégios daqui. Quando ele viajava, na volta, trazia tudo do bom e do melhor para eles e para mim. Eu tinha de tudo, conjuntos de prata, tudo. Mas os meninos confirmaram:

– A gente vai ficar porque nossa mãe já contou a história de nossa avó, que vai ficar vagando e a gente não quer isso não. A gente vai ficar com nossa mãe.

– Então – ele disse – agora a vida boa de vocês vai acabar. Agora vocês vão ficar com os dentes agarrados na parede com sua mãe, porque eu não vou dar um carço de farinha.

– Tudo bem, José, eu respondi. – Tudo bem, seja feito o que Deus quiser, sejam feitas as vontades de Deus, nunca as minhas. Benditas sejam as palavras

que minha mãe me disse. E benditas sejam também as palavras que você disse. Se eu merecer, eu vou passar por isso. Zumbarandanda, Seu André, minha mãe Matamba, Inkôssi do Cariri, nosso pai Zaze, todos os *inquices*, não vão me deixar passar por essas coisas. Você pode ir em sua viagem que eu não vou fazer nada pra você voltar atrás. Não vou mesmo!

– Você é muito orgulhosa.

– Não sou orgulhosa não, você é que me faz dizer essas palavras. Porque eu queria muito que você ficasse com meu pai, junto de mim, pra tocar o candomblé da minha mãe pra frente. Você é Tata Cambondo confirmado pra Zumbarandanda da minha mãe e você faz isso comigo?! Eu não mereço isso não. E meu pai também não merece não. Mas se você não quer, pode ir embora na tua viagem que, de hoje em diante, a minha vida vai ser outra.

Aí acabou! Ele foi embora mesmo. E eu, quando realmente tomei a decisão, tomei a atitude que realmente tinha que ter tomado: eu assumi e não parei mais; se é para assumir, vamos assumir mesmo e seja o que Deus quiser. Eu me entreguei e estou aqui até hoje.

A clientela da minha mãe foi voltando toda para mim. As filhas de santo que ficaram foram fazendo suas obrigações, voltando ao convívio de novo. E hoje eu estou aqui, fazendo por merecer tudo o que minha mãe queria. Porque ela deixou comigo porque confiava em mim.



*Barco de santo iniciado por Dona Roxa (Mameto Bandanelunga):
Lindinalva, Lourdes, Didi, Conderenã e Olga.*

E eu contei sempre com a ajuda de meu pai, que me ajudou a criar meus filhos, que ficava ombro a ombro comigo, até quando não aguentava mais. E mesmo quando ele já não podia mais, fazia questão de estar ali no barracão, junto de mim, nas obrigações. Eu mandava ele ir deitar, lembrando que ele não podia mais ficar perdendo noite. Ele respondia que ia ficar comigo mais um pouquinho, que não ia me deixar sozinha. E ficava ali do meu lado. Enquanto não encerrava a obrigação, ele não ia dormir. Ele se preocupava comigo. Mesmo vendo que estava todo mundo lá, todos os antigos da casa, ele tinha aquela preocupação.

José sofre até hoje por ter tomado essa decisão. Na última vez em que estive aqui, reuniu os filhos, pediu desculpas pelas coisas que fez e disse estar arrependido. Disse que jamais pensou nas consequências que podia causar. Ele sofre com isso até hoje, mas eu nunca joguei nenhum dos meus filhos contra o pai. E tomei conta da parte do santo dele, porque o Inkôssi dele ficou comigo até há pouco, quando ele veio buscar. Ele constituiu uma nova família e, até hoje, nas minhas orações, eu peço muito por ele a Deus e aos iníquices.

Histórias da Cabocla Jupira e da Mão de Búzios

Outra dificuldade que enfrentei é que quando minha avó foi embora, depois das minhas obrigações, ela não tinha me deixado fazer as consultas no meu natural. Quer dizer, eu tinha que virar no santo para poder dar as consultas. Isso é muito cansativo, mas, felizmente, Mameto Matamba mandou logo a minha cabocla. Porque aí eu podia dar as consultas com a cabocla.

Quem primeiro veio me dizer quem era a cabocla que eu ia receber foi a finada Maristela, mãe de Terezinha (que é filha de Dandalunda e tem como *dijina* Mucaliassimbi). Maristela era uma pessoa que tinha muita vidência e uma vez ela veio aqui e me disse:

– Comadre Hilsa, eu tive um sonho e quero contar pra senhora. No sonho, eu via a senhora virada numa cabocla, uma menina. Não era cabocla velha, mas uma menina, uma mocinha. Ela disse que o nome dela era Nhá Jupira. Mas não sei, não é? Porque esse negócio de sonho é assim, às vezes não é nada.

Isso aconteceu perto do toque para a cabocla descer. Maristela veio para ver se o sonho era certo mesmo ou se estava variando. Minha avó Massu cantou para os caboclos dela; depois cantou uma cantiga que era a que seu André vinha; aí cantou três *zuelas* e a cabocla veio. Todo mundo achou estranha a chegada dela, de barravento. Quando chegou, deu o *ilá* dela, parou, olhou e cantou:

“Eu tava lá, lá eu estava, seu André mandou me chamar
Quem quiser saber meu nome é Jupira do Tombença.”

Aí o couro comeu. Quando os meninos viram a cabocla dançando, se entusiasmaram, todo mundo queria tocar para ela. Porque não era aquela descarreirada, era cadenciado; era assim que ela ia fazendo a dança dela, do jeito dela. Os meninos viraram fãs da cabocla. E ela tinha esse repertório que não é de mais ninguém. Não sei de onde ela tira esse repertório de cantigas tão bonitas. E agora, logo, logo, vem a cabocla de minha neta Gleide, que é de Matamba e tem como *dijina* Bamborossicongo. Porque quando demos a obrigação para descer o caboclo dela, quem desceu foi Gongombira, que é o segundo santo dela. Mas a cabocla respondeu e avisou que, quando ela viesse dar a obrigação de cinco anos ou de sete anos, ela viria. Ela deu o nome dela, que é cabocla Indaiá. Ela é irmã da minha cabocla Jupira.

De todo jeito, era muito cansativo ter que jogar virada no santo ou na cabocla. E com toda a confusão que eu estava vivendo, era difícil eu me concentrar para o santo me pegar. Eu já estava com o primeiro barco nessa altura e aquilo estava acabando comigo. Um dia, pai chegou e disse que aquele negócio não estava dando certo. Aí, ele mandou uma carta para minha avó Massu, contando como estavam as coisas e pedindo a ela que viesse para me dar a mão de búzios. Minha avó respondeu que não podia vir naquele momento e que eu precisava esperar. Mas pai, muito agoniado, decidiu:

– Não, a gente vai dar um jeito nisso. A gente vai bater a cabeça no chão, vai tirar uns *malembes* para nosso pai Zaze e pra que possa vir uma intuição pra alguma filha de santo da casa, ou pra Hilsa mesmo, ou pra mim, ou pra Natalice, pra alguém, pra ver o que é que a gente faz.

Um dia, meu pai disse que tinha sonhado com Seu André mandando tirar umas *insabas* e mostrando a ele todas as folhas e ervas para tirar. Seu André dizia que era para tirar essas *insabas* porque minha santa ia descer e eu ia tomar um banho com algumas dessas folhas, e que outras eram para lavar a minha vista e eu poder começar a jogar. Eu disse:

– Mas pai, será que minha mãe de santo não vai ficar aborrecida sabendo disso?

– Tanto faz – ele disse. – Eu já perdi sua mãe e não vou perder você. Porque do jeito que você está, você não vai aguentar. Tem que dar um jeito nisso. E a mãe é a mesma!

Ele saiu de madrugada para pegar as folhas e voltou com todas as ervas. Chamou Natalice, que sempre preparava as coisas junto comigo, para fazer o

amansi para eu tomar o banho e para fazer outro *amansi* que devia ser deixado aos pés de Zumbarandanda. Pai mandou cozinhar milho branco para Lembá; fazer uma oferenda para Mameto Matamba; botar um inhame aberto para Inkôssi, com uma cebola aberta. O prato de Lembá devia ser regado com bastante mel e coberto com algodão. Mandou fazer, também, uma porcelana de *mungunzá* para Zumbarandanda e botar um *amalá* em cima da gamela de nosso pai Zaze. E mandou fazer oferendas para todos os santos das pessoas do meu barco, quer dizer, para Catendê, para Zaze Airá, para Cavungo. Tudo foi arrumado e todos ficaram em casa, porque ninguém sabia nem o dia nem a hora em que a santa viria.

Por volta de umas onze horas, eu me levantei e aí não vi mais nada. Eu já tinha tomado o banho, já estava de branco, e aí minha santa chegou e mandou todo mundo ir para o quarto de santo. Foi uma cerimônia com meu pai, Natalice e meus filhos. Dizem que a santa pegou as folhas e mandou meu pai pegar essas folhas e jogar água na minha cabeça. Ela pegou a água e pôs na minha vista. Foi ela mesma que me deu a coisa. Ela lavou minha vista e eu fiquei sete dias deitada no quarto de santo. Depois de sete dias, era preciso pegar aquela água e levar numa cachoeira, numa água doce, e arriar aquelas oferendas todas. O que era do mato, era do mato; o que era das águas, era das águas. E ela disse que depois de mais sete dias eu podia ir ao jogo, que eu ia ver que tinha acabado essa coisa de eu estar virando no santo para poder fazer consulta.

Dito e feito. E foi aí que eu comecei a jogar. A primeira vez que fui na consulta, não foi fácil, não. Eu fiquei com medo e pensei: “Meu Deus do céu, e se eu chegar lá para fazer essa consulta e eu não vir nada lá, como é que eu vou fazer?”. Nesse dia, quem veio foi um cliente de anos e anos de minha mãe. Ele chegou e disse:

– Eu soube que é a filha de Dona Roxa que está jogando. Vamos ver se ela vai ser boa tanto quanto a mãe. Porque sua mãe era bater e valer! Quando eu chegava aqui, ela jogava os búzios e pronto. Não precisava eu dar explicação: ela fazia a pontuação dos búzios e destrinchava tudo, lia tudo. Que coisa bonita!

Isso me deixou gelada. Eu deixei pai conversando com o homem e fui lá para dentro. Minha filha Nete me dizia:

– Mãe, a senhora não confia em minha avó não? Então por que está desse jeito? Entre aí, bata a cabeça no chão, se concentre, pedindo a Zumbarandanda que passe tudo para a cabeça da senhora, pedindo pra santa da senhora, e a senhora vai atender o homem. Não mostre fraqueza para ele!



Cabocla Jupira, de Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), janeiro de 1983.



Matamba, de Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalè), janeiro de 1983.

Entrei no quarto do santo, fiz tudo o que Nete disse. Pedi, pedi e pedi. Aí, avisei pai que podia deixar o homem entrar. Eles entraram e pai ficou do meu lado, o que me deixou mais nervosa ainda. Me deu até dor de barriga. Não foi fácil não. Mas eu me concentrei, rezei, tirei todas as rezas: o *quibuque*, o *tuzi de amanho*, o *cequecê*, o *muxacá*, tudo. Pedi concentração, pedi licença, pedi, pedi, e perguntei ao homem qual era o assunto da consulta. Ele respondeu e eu afirmei o nome dele, a consulta dele e joguei. Aquilo foi vindo, foi vindo e eu fui: “É isso, isso e isso; assim, assim e assim”. Quando eu acabei, o homem levantou e disse:

– Eu tiro o chapéu pra senhora. A senhora é a mesma coisa que sua mãe. Deve ser ela que está aí do lado dizendo alguma coisa pra senhora. Porque está tudo certinho!

Aquilo me deu um alívio! Mas eu levei mais de três meses para me acostumar. Porque cada caso é um caso. Então, cada vez que chegava um, eu passava por isso. Mas até hoje, graças a Deus, deu tudo certo. Hoje em dia eu me acostumei, mas em determinadas jogadas eu vejo a presença de minha mãe. Porque tem um búzio que corresponde a *vumbi*, não é? Então, quando eu quero alguma coisa que tenha que virar para falar com *vumbi*, ela responde; ela conversa assim, normal. Eu me acostumei, é como se eu estivesse falando com qualquer pessoa, ela me dizendo para fazer isso, aquilo etc.

Histórias dos primeiros barcos

Porque é assim mesmo, a gente vai se acostumando. Com os barcos que a gente vai tirando é a mesma coisa. Como eu já contei, quando minha mãe faleceu, deixou um barco recolhido, com uma moça de Cavungo e uma de Gongombira. Ela já tinha até raspado as duas, mas, infelizmente, não pôde tirar o barco. Fui eu, então, que tive que suspender as obrigações e, depois do período de luto, completar tudo. Em 8 de fevereiro de 1976, eu tirei esse barco. Logo em seguida, tirei o meu primeiro barco, que era formado por uma moça de Zaze Airá, uma de Lembá e uma de Cavungo. A primeira, Maria Nildes dos Santos (conhecida como Nidinha), Divunguiná, foi, então, a minha *rombona*, a primeira filha de santo iniciada por mim. E, por coincidência, tanto as duas moças do último barco de minha mãe quanto as três do meu primeiro barco se chamavam Maria...

Mas, antes disso, quando foi recolhido o primeiro barco do Tombenci Neto, o barco do meu ministério, minha avó Massu deixou tudo por minha conta. Ela me testou: ela me mandou ir no jogo de búzios, ver o destino dos meninos, o nome de santo deles. Ela disse:

– Eu não vou olhar nada. É você quem vai jogar os búzios. Você é quem vai olhar e me trazer aqui, no papel, nome por nome dos santos de seus filhos.

Eu joguei, vi tudo e mostrei os nomes a ela, tudo direitinho. Ela conferiu tudo e até quis trocar uma das *dijinas*. Mas eu disse a ela que a *dijina* que o santo tinha mostrado era aquela mesma e foi essa que ficou.

Claro que ela acompanhou as obrigações, mas, para escolher o ministério, ver os nomes de santo, *dijina*, tudo fui eu. Na hora de jogar os búzios, ela ficou bem na minha frente, me testando. Nesse barco, estavam meus filhos Gildásio, Gildário (Tonho), Ivonete (Nete), Gilmar, Gilvan e Ivoneide (Neide), que tinha só quatro anos de idade. Nele também estavam Jorge, um primo meu, José Nilson e Juraci. Os homens foram confirmados como *tatas* e as mulheres como *macotas*. Assim, quando eu tirei o meu primeiro barco, eles já estavam prontos para me ajudar.

Mais tarde, outros dois filhos meus, Gilsony (Ney) e Gilmário (Marinho), também foram confirmados como *tatas*, e Ivonildes (Nidinha) foi raspada para Dandalunda. Os outros, Gilderisson (Delson), Gilvane (Vane), Gilson, Gidovaldo (Vado) e Izabel (Bel), já fizeram todas as obrigações para *tata* e *macota* e só estão esperando a ocasião para oficializar essas obrigações com a saída pública e tudo. São meus quatorze filhos, meus dez soldados e minhas quatro enfermeiras...



Primeiro ministério de Dona Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê): Tata Cajiongongo (Gilvan Rodrigues Santos); Mucalendeuá (Ivoneide Rodrigues Santos, de chupeta); Tata Mucalendé (Gildásio Rodrigues Santos); Leburenganga (Ivoneide Rodrigues Santos); Tata Tulemburá (Gilvânio Rodrigues Santos) – 1º de janeiro de 1976.

Depois disso, foram vindo os outros barcos. Foram uns dez até 1995. Depois, tivemos muitos problemas. O teto do barracão foi ficando velho e corria o risco de cair. Quando consertamos, tivemos que fazer obras na casa e tivemos que mudar para a camarinha. Não dava para a gente continuar com as festas públicas. Mas é claro que continuamos fazendo todas as obrigações internas, todas as obrigações de fundamento. Foi um período muito difícil, porque, com o barracão fechado, a gente não podia fazer uma série de coisas. Alguns anos depois, graças a Deus, conseguimos ir consertando tudo e retomamos as atividades. A reabertura oficial foi em dezembro do ano 2000, quando eu dei minhas obrigações de cinquenta anos de santo. Na verdade, eu já tinha quase cinquenta e cinco anos, mas, como não pude dar essas obrigações antes, foi nessa época que tudo aconteceu. Foi uma festa muito bonita, com muita gente no barracão. Temos tudo gravado.



Confirmação de Ivoneide Rodrigues Santos para macota do Catendê de Luanda (1976).

Depois disso, já tirei mais uns seis barcos e temos muita gente suspensa, esperando a confirmação para *tatas* e *macotas*, e também muita gente para ser raspada. Quer dizer, o terreiro continua! Muita gente chega aqui e quando vê, agora, tudo arrumadinho, pensa que não tivemos que fazer nenhum sacrifício. Mas a gente fez e faz muitos sacrifícios para manter esse terreiro. Foi muito sacrifício para poder levar adiante uma coisa assim de tantos anos, de hierarquia, uma coisa que a gente quer guardar, onde a gente quer cultivar os preceitos... Pode haver algumas inovações porque hoje a coisa não é mais como era e as coisas estão mais modernas. Mas a tradição, o essencial, a gente nunca perde. Porque são as pessoas que se submetem a isso que vão dar continuidade ao Terreiro Tombenci Neto.



O barracão do Terreiro de Matamba Tombenci Neto em 2010



Grupo Cultural Dilazenze ensaiando em sua quadra (2003).

Futuro

Desde o começo, como a gente viu, o nosso terreiro se sustentou na nossa família. Mas nunca ficou fechado para as outras pessoas. Temos muitos filhas de santo, filhos de santo, amigas e amigos, que sempre nos ajudaram e que continuam nos ajudando. Em troca, eles recebem toda essa força que nós temos. Desde o tempo da minha mãe Roxa, nós sempre estivemos integrados na sociedade local, contribuindo com alguma coisa para ela. A gente sempre está dando entrevista, gravando, filmando. Já participamos de muitos documentários, já demos muitos depoimentos. Isso é muito importante, porque serve para esclarecer. Muitas pessoas têm uma visão deturpada do candomblé: acham que é uma coisa ruim, voltada para o mal. Nós procuramos esclarecer, passando para todos o que é realmente o candomblé.

Nós também sempre acolhemos muitas pessoas que chegam ao terreiro. Desde a época da minha mãe, ela sempre teve um bom relacionamento com a comunidade e a sociedade como um todo. Ela fazia várias distribuições de cestas básicas; fazia vários eventos na comunidade; colhia vários frutos na roça e distribuía para a comunidade. Muitas pessoas moravam com ela e ela sustentou muita gente durante muito tempo. Isso sem falar no aconselhamento, que é uma das coisas mais requisitadas.

Em 1986, alguns jovens da nossa família decidiram fundar um bloco afro que tivesse uma ligação com o terreiro, o Grupo Cultural Dilazenze – um bloco que recebesse do terreiro a influência da dança, da música, do toque... Desde o início, o Dilazenze tem o fundamento do próprio terreiro. Todos os fundadores dele receberam obrigações, foram preparados para isso. Eu estou no Dilazenze há vinte e quatro anos! No tempo em que o terreiro não podia fazer suas festas públicas, o Dilazenze foi muito importante para preservar nossas tradições e nossa memória. Mas não precisa ser do terreiro para alguém participar do Dilazenze: basta a pessoa ter vontade de participar. No início, eu enfrentei alguma resistência de alguns dos mais velhos do terreiro, que não aceitavam a ideia de um conjunto de dança ligado ao terreiro. Mas, aos poucos, fomos conseguindo conquistar a compreensão e o respeito desses mais velhos e de todos pelo que nós fomos fazendo na área social e cultural.



Participantes do Projeto Batukerê em frente à quadra do Grupo Cultural Dilazenze (2000).

No ano 2000, o Dilazenze organizou o Projeto Batukerê, que buscava reunir as crianças da comunidade para oferecer a elas oficinas de dança, percussão, capoeira, artes plásticas e muito mais. Algumas crianças tinham alguma ligação com o terreiro, a mãe, o pai, um parente, um conhecido... Mas isso não era necessário, e quem queria participar, podia participar. Claro que com o tempo eles vão se identificando com o que é trabalhado. E isso serve, de alguma forma, para ajudar na própria preservação do terreiro.

Mais recentemente, criamos a Associação Beneficente e Cultural Matamba Tombenci Neto. Ela serve para organizar a parte civil do terreiro e também para outras coisas: fazer levantamentos históricos do Tombenci, formar grupos de pesquisa, organizar encontros, fazer um trabalho de preservação das danças, dos toques da nação Angola, além de pesquisar outras nações. A nova geração do Tombenci está trabalhando nisso tudo e, em 2006, organizou o Memorial Unzó Tombenci Neto, que reúne objetos da história do terreiro, e a Galeria Ingué Kaitumba (homenagem a Seu André Caitumba, o caboclo da minha mãe), que expõe fotografias históricas que conseguimos restaurar. Também criamos a Organização Gongombira de Cultura e Cidadania, uma ONG que serve para viabilizar alguns dos nossos projetos.

Da época da minha avó até hoje, e mesmo da época em que eu comeci a dirigir o terreiro até agora, mudou muita coisa no mundo. E no candomblé também. Às vezes, o candomblé parece estar virando comércio. Mas também tem gente trabalhando pela preservação dos valores, da tradição, da religião. É preciso promover o encontro das pessoas de candomblé, dos filhos de santo, para a gente esclarecer. Assim, quando acontecerem debates, seminários, as pessoas podem participar de cabeça erguida. Não precisam ficar escondidas pelos cantos, com vergonha de falar na frente de pessoas formadas. Porque formatura em colégio nunca deu o saber do candomblé a ninguém.



Banda percussiva da Organização Gongombira de Cultura e Cidadania (2008).

Hoje em dia, tem gente que faz um curso superior e imagina que, por isso, sabe mais do candomblé do que aqueles que não foram para a escola. Hoje tem muita gente que estuda o candomblé nos livros e, quando chega no terreiro, descobre que não é bem igual ao que leram. Aí, começam a questionar os mais velhos. Alguns fazem uma viagem à África e voltam tão “sabidos” que querem consertar a religião do candomblé no Brasil. Tem até gente aprendendo o candomblé na internet! Filhos de santo que aprendem na internet e depois querem que a mãe de santo faça as obrigações deles conforme viram na internet. Sobre isso, podem me chamar de atrasada ou ranzinza, mas eu não abro mão, não. Sou da velha guarda e vou continuar sendo!

Aqui, a gente tenta preservar as origens, os valores que fazem parte do terreiro. Mas também tenta conciliar o mundo de lá de fora com o que deve ser preservado. Porque hoje em dia as coisas estão muito diferentes. Por isso, muitos dirigentes do candomblé acabam sofrendo do coração. Quando a gente põe uma pessoa dentro da camarinha, a gente cria como os filhos que a gente criou dentro das nossas entranhas. A gente tem amor e cabe a nós pedir a nosso pai maior, Lembá, que tenha misericórdia por essas pessoas e por nós também. Mas o que podemos fazer? Não somos a palmatória do mundo para sair por aí consertando tudo...

Encerramento

Hoje eu vejo o nosso terreiro funcionando de vento em popa. Vejo o Memorial, a Galeria, o Dilazenze, a Gongombira, tudo funcionando. E vejo o reconhecimento chegando. Em 2007, eu recebi o Troféu Zeferina, um prêmio dado pelo Centro de Estudos da População Afro-Indo-Americanas de Salvador (CEPAIA), que é uma homenagem a todas as mulheres que se destacaram na luta pela cidadania e pela dignidade, e que marcaram suas comunidades. Depois, em 2009, recebemos o Prêmio Culturas Populares, dado pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura aos produtores de manifestações das culturas populares brasileiras.

Então, quando vejo essas coisas acontecendo, eu sempre lembro do que minha mãe Roxa me disse: que minha estrada ia ser muito longa e que nela ia haver flores e espinhos – mais espinhos do que flores. Mas que no final dessa estrada, eu ia encontrar a bonança. Não a bonança financeira, mas a bonança espiritual, que é o que realmente conta. Por isso, eu costumo dizer que a minha humildade é que me faz ser rica. Eu nunca andei alisando os bancos das faculdades, mas eu aprendi muito na escola da vida e eu digo que ainda estou me formando na faculdade do tempo.

A mensagem que eu tento deixar para os meus filhos, minhas filhas, meus netos, meus bisnetos é que eles se dediquem à religião do candomblé, que se dediquem ao senhor Tempo, a todos os *inquices*, aos santos crianças, à marujada toda, aos caboclos. Que eles não se esqueçam de cultivar essa religião e que procurem saber as coisas dos antepassados, dos ancestrais, para poder ter a consideração, o respeito, o amor, o carinho e a dedicação. Para poder levar adiante tudo o que eu tento ensinar: o que é isso, o que é aquilo, por que faz isso, por que faz aquilo; quem foi minha avó, minha bisavó, meu bisavô, meu tio... Quem foram eles, por que faziam o que faziam e o que aquilo significava.

Minha mãe tinha um ditado que dizia assim: quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou. Eu também falo desse jeito. Quanto mais você

participa, mais aprende e se desenvolve. E é só assim, com todo o respeito, que podemos honrar e dar continuidade às raízes que a gente traz dos nossos antepassados.

É essa a mensagem que eu queria deixar: cabeça erguida e consciência no que estiverem fazendo. Peço a Zâmbi que ilumine e proteja a nós todos. Pelo dia de hoje e pelas horas que são.



Parte da família Rodrigues reunida no barracão do Terreiro de Matamba Tombenci Neto no dia 25 de abril de 2010.

IMPRESSO SOBRE PAPEL PÓLEN BOLD 90G/M²
NA GRÁFICA SINGULAR DIGITAL
PARA VIVEIROS DE CASTRO EDITORA
EM MARÇO DE 2010.